



III MOSTRA DE PRÁTICAS DE PSICOLOGIA

2 0 2 4

ANAIS DO EVENTO

ORGANIZADORAS:

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa;
Brenda Kelly SarmientoSilva Leite;
Pammella Lyenne Barbosa de Carvalho



Psicologia



CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS LTDA
FACULDADE INTEGRADA DE PATOS - CAMPINA GRANDE
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

**ANAIS DE RESUMOS DE TRABALHOS APRESENTADOS NA III MOSTRA DE
PRÁTICAS DO CURSO DE PSICOLOGIA DA FIP CG:
AS MULTIPLICIDADES DAS PRÁTICAS PSICOLÓGICAS**

Organizadoras

**Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Brenda Kelly Sarmiento Silva Leite
Pammella Lyenne Barbosa de Carvalho**

Campina Grande/PB, agosto de 2024

CORPO EDITORIAL

DIRETOR-GERAL E PRESIDENTE
João Leuson Palmeira Gomes Alves

DIREÇÃO ADMINISTRATIVA E ACADÊMICA FIP CG
Débora Najda de Medeiros Viana
Paula Vanessa da Silva

COORDENAÇÃO GERAL DE EXTENSÃO COOEX
Flávio Franklin Ferreira de Almeida

COORDENAÇÃO DE PESQUISA FIP CG
Joselito Santos

COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA FIP CG
Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa

REVISÃO TEXTUAL
Juliana Fonsêca de Almeida Gama
Thiago Silva Fernandes

ORGANIZADORAS
Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Brenda Kelly Sarmento Silva Leite
Pammella Lyenne Barbosa de Carvalho

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados de Acordo com AACR2, CDU e CUTTER
Biblioteca Central - UNIFIP

Anais da III Mostra de Práticas do Curso de Psicologia
das FIP CG: a multiplicidade das práticas psicológicas.
Campina Grande, PB: FIP, 2024.

103 fls

Organização: Larisse Helena Gomes Macêdo
Barbosa; Brenda Kelly Sarmiento Silva
Leite; Pammella Lyenne Barbosa de Carvalho
Centro Universitário de Patos – FIP Campina Grande

1. Anais. 2. Mostra de Psicologia. 3. Psicologia.
I. Título II. UNIFIP

FIP/BU

CDU: 159.9(81)(05)

Francisco C. Leite – Bibliotecário. CRB 15/0076

INTRODUÇÃO

A Mostra de Atividades Práticas do curso de Psicologia da FIP Campina Grande é um evento semestral de extrema relevância para a formação acadêmica e profissional de nossos alunos. Este evento reúne diversas atividades que visam fortalecer a integração entre a teoria e a prática, proporcionando um espaço privilegiado para a troca de experiências, a reflexão crítica e o desenvolvimento de habilidades essenciais à atuação na Psicologia.

Nesta terceira edição, a Mostra destacou-se pela oferta de um minicurso voltado para a escrita científica em documentos e textos acadêmicos, além das apresentações de trabalhos de nossos alunos. Ao todo, foram apresentados 9 trabalhos na modalidade de pôster e 25 comunicações orais, organizadas em diferentes eixos temáticos que refletem a diversidade e amplitude da Psicologia: Psicologia Clínica, Psicologia Organizacional, Psicologia Educacional, Psicologia e Saúde, Psicologia Social, Avaliação Psicológica, Disciplinas Práticas, Relatos de Projetos de Extensão e Relatos de Pesquisa.

Este evento representa não apenas um momento de exposição do conhecimento produzido pelos alunos, mas também um espaço de crescimento coletivo, onde discussões críticas foram fomentadas, ampliando a compreensão dos desafios e das inovações nas diferentes áreas da Psicologia. A III Mostra de Atividades Práticas marca, portanto, um ponto de convergência entre a história do curso, de seus alunos e de todos os convidados, fortalecendo a formação acadêmica e o compromisso com a excelência no ensino.

Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa
Brenda Kelly Sarmento Silva Leite

A ENTREVISTA PSICOLÓGICA COMO PILAR DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Marielle Henrique Da Silva

Aleksandra Barreto Noronha

Jakson Luis Galdino Dourado

Brenda Kelly Sarmiento Silva Leite

INTRODUÇÃO

A avaliação psicológica é um processo complexo e multifacetado que requer uma abordagem detalhada e humanizada para entender as nuances do comportamento humano. No centro deste processo está a entrevista psicológica, uma ferramenta que transcende a simples coleta de dados, tornando-se um meio essencial para alcançar uma compreensão profunda do indivíduo. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a entrevista "é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional" (p. 195).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), expresso na Resolução nº 007/2003, a avaliação psicológica é um processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que pode fazer uso de estratégias psicológicas, métodos, técnicas e instrumentos.

A entrevista psicológica é uma das ferramentas mais significativas na prática da psicologia, oferecendo esclarecimentos valiosos sobre o estado mental e emocional dos pacientes. Ela serve como um alicerce para a construção de um diagnóstico preciso e para o desenvolvimento de um plano terapêutico eficaz. Como aponta Cunha (2007), "o psicodiagnóstico é um processo científico que envolve a coleta, organização e interpretação de dados de natureza psicológica" (p. 45).

O objetivo deste relato é analisar a função e a eficácia da entrevista psicológica dentro do espectro da avaliação psicológica. Pretende-se destacar a habilidade da entrevista em desvendar as complexas dinâmicas subjetivas do indivíduo e sua contribuição para o entendimento clínico.

DESENVOLVIMENTO

A prática da entrevista psicológica foi realizada em uma clínica de psicologia (Desenvolva – Psicologia e Saúde), direcionada a vigilantes que estavam passando por exames periódicos de avaliação psicológica. A atividade da entrevista psicológica foi uma parte integral do estágio em Avaliação Psicológica do curso de Psicologia da UNIFIP, realizado entre os meses de março e junho de 2024. Durante esse período, os estudantes tiveram a oportunidade de aplicar, na prática, os

conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, conduzindo entrevistas estruturadas com vigilantes que estavam passando por exames periódicos de avaliação psicológica.

No núcleo dessa prática estava o diálogo estruturado e sistemático entre o psicólogo e o paciente, essencial para investigar as queixas e demandas dos pacientes. A comunicação empática era fundamental para estabelecer uma relação de confiança, permitindo uma exploração profunda das experiências e emoções do paciente. Esse processo flexível e adaptável oferecia uma visão holística do indivíduo, crucial para diagnósticos precisos e formulação de hipóteses clínicas.

A entrevista psicológica emergiu como uma ferramenta indispensável para a compreensão e tratamento das complexidades do comportamento humano. Dividida em etapas claras, a entrevista começava com a preparação do ambiente, seguida do estabelecimento de um vínculo de confiança e a aplicação de perguntas estratégicas. Esse processo sistemático permitia a coleta e análise de informações relevantes.

No espaço da clínica, diversas técnicas e estratégias foram empregadas na condução da entrevista psicológica. Essas técnicas incluíam desde a escuta ativa e a reformulação até o uso de técnicas projetivas e a aplicação de questionários estruturados. O psicólogo precisou navegar entre essas técnicas, escolhendo as mais adequadas para cada paciente e momento da entrevista.

Existiam diversas variações metodológicas da entrevista psicológica, cada uma adaptada às necessidades individuais do paciente e à abordagem terapêutica do profissional. A entrevista clínica, por exemplo, era focada no diagnóstico e tratamento de problemas psicológicos, enquanto a entrevista avaliativa era mais comumente utilizada em processos de seleção e orientação profissional. A entrevista de devolução, por sua vez, era dedicada ao compartilhamento de resultados e impressões após avaliações.

Destaca-se que esse estágio proporcionou um ambiente real de aprendizado, onde os futuros psicólogos puderam desenvolver suas habilidades de comunicação empática, coleta de dados relevantes e análise crítica das informações obtidas, sempre respeitando os princípios éticos e a confidencialidade dos pacientes. Dessa forma, a experiência foi fundamental para consolidar a formação dos alunos, preparando-os para os desafios da prática profissional na área da psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação psicológica é um campo vasto e dinâmico, onde a ciência se entrelaça com a subjetividade humana. Nesse contexto, a entrevista psicológica emerge como uma ferramenta essencial, capaz de transcender os limites do questionamento e mergulhar nas profundezas da experiência individual.

Ao longo deste texto, exploramos as características fundamentais da entrevista psicológica, sua flexibilidade e adaptabilidade, bem como seus objetivos multifacetados. Através dessa prática, o psicólogo não apenas coleta informações, mas também estabelece conexões empáticas, criando um espaço seguro para que o paciente compartilhe suas histórias, medos e esperanças. A entrevista psicológica não é apenas um meio de diagnóstico; é um ato de escuta atenta, onde o profissional se torna um facilitador na jornada do paciente em busca de compreensão e transformação. É um encontro que transcende o papel e a caneta, revelando a complexidade da mente humana e a riqueza das narrativas individuais.

Portanto, que continuemos a valorizar a entrevista psicológica como uma ponte entre a ciência e a humanidade, lembrando que, por trás de cada resposta, há uma história a ser ouvida e um ser humano a ser compreendido.

REFERÊNCIAS

- Conselho Federal de Psicologia. (2003). Resolução nº 007/2003: Definição de avaliação psicológica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 2003, Seção 1, 10-11.
- Cunha, J. A. (2007). Psicodiagnóstico – V (5ª ed.). Artmed.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). Fundamentos de metodologia científica (5ª ed.). Atlas.

A OBSERVAÇÃO CIENTÍFICA NO MEIO FAMILIAR E DOMÉSTICO

Sophia Silva Regis¹

Anna Karenyna Guedes de Moraes Lima²

INTRODUÇÃO

A Psicologia adquire um estatuto científico com o advento do método experimental, ao ser considerada a ciência do comportamento observável (Santos, 1994). Este estudo evidenciava a importância da observação para as práticas na Psicologia, seja ela em diversos campos da ciência.

De acordo com a obra "Aprendendo a observar", de Danna e Matos (2011), o psicólogo, enquanto cientista, investiga e observa as leis do comportamento. A observação é utilizada para coletar dados acerca do comportamento e da situação ambiental (Danna e Matos, 2011). O psicólogo, ao observar, passa a “ver” em um sentido psicológico, a situação e o ambiente, e não apenas ver em um sentido fisiológico.

A observação científica desempenha, portanto, um papel fundamental na Psicologia, pois permite aos pesquisadores examinar o comportamento humano em seu ambiente natural. Ao observar pessoas na vida real, os psicólogos podem captar nuances e complexidades que podem não ser aparentes num laboratório controlado. Estas observações fornecem informações importantes sobre como as pessoas interagem, respondem a estímulos externos e lidam com os desafios diários. Além disso, os estudos observacionais ajudam a validar teorias psicológicas, permitindo aos investigadores testar as suas hipóteses em situações do mundo real.

A observação científica é, assim, crucial para o avanço do conhecimento psicológico e contribui para uma compreensão mais profunda e complexa do comportamento humano. Com esse entendimento, os objetivos deste estudo são: divulgar a importância da observação científica entre estudantes e acadêmicos de psicologia e destacar seu papel fundamental na compreensão do comportamento humano no cotidiano. Ao realçar a relevância desta metodologia, pretende-se promover uma compreensão mais completa e aprofundada dos processos psicológicos e incentivar a sua aplicação em todas as áreas da investigação psicológica. Além disso, realizamos uma análise detalhada do comportamento da criança em casa e no ambiente familiar. Através desta observação detalhada, pretendemos explorar como os fatores ambientais, familiares e sociais influenciam o desenvolvimento infantil e as interações diárias.

Este estudo visa, portanto, propor uma abordagem mais completa e contextualizada para a compreensão do comportamento humano, destacando a importância da observação científica

como ferramenta essencial no arsenal do psicólogo.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Vázquez e López Rivas (1962 in Anguera, 1978, pág. 19)

"para adquirir a ciência real dos homens, das intimidades e estrutura da vida é estritamente indispensável praticar pessoalmente a observação. Não se trata de uma observação superficial mas de uma observação científica. Para isso é preciso estar-se em estado de atenção constante, fazer uma observação tão objectiva quanto possível, depois de se ter tornado a firme decisão e a atitude psíquica de inclinar-se escrupulosamente perante os temas." (Santos, 1994)

A observação científica se difere da observação "normal" devido ao seu teor investigativo. Como vemos de forma psicológica, investigamos, observamos e analisamos os ambientes e situações em que estamos inseridos, afim de coletar informações preciosas e captar as características do indivíduo observado. Todo esse trabalho científico fomenta as grandesteorias da Psicologia, como por exemplo, o Behaviorismo. No Behaviorismo é estudado o comportamento, e muitos dos grandes marcos desta abordagem se deram ao fato de os estudiosos terem usado a observação científica.

No âmbito da Análise do Comportamento, a observação pública do comportamento, quando possível, é uma indiscutível vantagem. A observação permite ou, ao menos, facilita a previsão e o controle do comportamento, isto é, a manipulação de variáveis independentes e a observação de seus efeitos sobre as variáveis dependentes.

Dessa forma, metodologicamente, para desenvolver este estudo foram utilizados cinco protocolos de observação em RCC, onde, nos cinco protocolos, foi observada uma mesma criança, de oito anos de idade. No protocolo estruturado havia as seguintes seções: nome do observador, objetivo da observação, data da observação, horário da observação (início e término), diagrama da situação, relato do ambiente físico, descrição do sujeito observado, relato do ambiente social, técnica de amostragem e registro e registro propriamente dito.

As observações ocorreram do dia seis de abril de dois mil e vinte e quatro, ao dia oito de treze de maio do mesmo ano. Todas as observações ocorreram no período da tarde e da noite. A literatura que embasou este estudo foi o livro "Aprendendo a observar", de Danna e Matos (2011), o artigo "Observação científica", de Santos (1994) e o artigo "Sobre a observação enquanto procedimento metodológico na análise do comportamento: positivismo lógico, operacionismo e behaviorismo radical", de Dittrich et al. (2009). Os três materiais expõem a prática da observação científica na Psicologia.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a observação científica é uma ferramenta poderosa na caixa de ferramentas de um psicólogo e pode fornecer informações valiosas sobre o comportamento humano. Ao difundir a importância da observação científica na comunidade da psicologia, este estudo não só aumenta a relevância da metodologia, mas também inspira uma compreensão mais profunda e crítica da complexidade deste meio.

Além disso, ao observar o comportamento de uma criança em casa e ambiente familiar, este estudo destaca a importância crucial destes ambientes na formação e desenvolvimento das crianças. Esta análise proporciona uma compreensão clara de como os fatores ambientais, relacionais e culturais desempenham um papel fundamental na formação infantil. Portanto, ao reconhecer a importância da observação científica e da sua aplicação no estudo do comportamento infantil, este estudo destaca a necessidade de uma abordagem holística e contextual para a compreensão do campo de estudo do comportamento humano.

REFERÊNCIAS

- Danna, M.F. & Matos, M.A (2011). Por que um curso de observação?. *Aprendendo a observar*, 1 (11-16).
- Santos, M (1994). *Observação científica*, (1-5)
- Dittrich, A., Strapasson B.A, Silveira, J.M. & Abreu, P.R (2009). *Sobre a observação enquanto procedimento metodológico na análise do comportamento: positivismo lógico, operacionismo e behaviorismo radical*.

¹ Aluna do curso de Psicologia, UNIFIP, Campina Grande, PB

² Mestra e Professora de Psicologia, UNIFIP, Campina Grande, PB

AS HISTÓRIAS QUE CONTAMOS DE NÓS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Odilon Texeira Neves

Rebeka Renally Nunes de Almeida

Orientadora: Maria Tamires Fernandes dos Santos

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é um processo complexo, fruto da interação dialética entre o sujeito e o meio social e cultural no qual está inserido. Essa concepção é proposta pela Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vygotsky, que define duas linhas paralelamente atuantes no processo de desenvolvimento: a primeira, nomeada de linha natural, configura-se pelas estruturas biológicas elementares do ser humano, como, por exemplo, a memória e a atenção. Já a segunda linha é formada e se desenvolve a partir da apropriação de instrumentos e conhecimentos culturais construídos historicamente, sendo definida como linha do desenvolvimento cultural. Assim, para o autor, é por meio do contato com a cultura e a arte que a estrutura psíquica se modifica, fazendo emergir novas formas de comportamento e características especificamente humanas (Vygotsky, 2021).

Os elementos presentes em produções artísticas desencadeiam uma contradição dialética no espectador, que é característica da vivência estética, ou seja, do momento em que ocorre o contato do sujeito com a arte. Essa vivência possibilita ao sujeito expressar seus sentimentos, fortalecer as correlações entre a imaginação, o pensamento, a fala e a emoção. Por isso, para Vygotsky (2021), a arte possui um caráter educativo, oportunizando, de modo singular, novas experiências por meio da transformação dos sentimentos e da atividade de imaginação e criação.

Nesse sentido, a arte pode ser um importante recurso pedagógico para a ressignificação das práticas do psicólogo no contexto escolar, pois possibilita a abertura de espaços de diálogo, troca de afetos, ampliação de concepções e, principalmente, o desenvolvimento psíquico de todos os atores escolares (Alexandrino, 2021).

A partir da experiência de práticas desenvolvidas na disciplina Estágio Básico I – Psicologia Educacional e Desenvolvimento Humano, foi possível realizar intervenções em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Campina Grande – PB, com o objetivo de explorar a arte e a fala enquanto interlocução para a promoção do desenvolvimento no contexto escolar.

DESENVOLVIMENTO

A psicologia educacional é um campo que estuda como as pessoas aprendem e se desenvolvem em contextos educacionais. Ela se preocupa em entender como os processos mentais e

emocionais influenciam a aprendizagem e como o ambiente e seus estímulos podem ser otimizados para promover um desenvolvimento saudável (Dias, Patias & Abaid, 2014).

A arte desempenha um papel significativo no contexto educacional, pois oferece uma forma única de expressão e compreensão. Através da arte, os alunos podem explorar e comunicar seus pensamentos, sentimentos e experiências de uma maneira que pode ser mais acessível. Assim, a arte pode ser uma ferramenta poderosa para promover a autoexpressão, a criatividade e a resolução de problemas, além de ajudar os alunos a desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais (Neves, 2017).

A fala também é uma ferramenta fundamental nesse processo de desenvolvimento, pois é através da linguagem que os alunos interagem com o mundo ao seu redor, constroem significados, expressam suas ideias e questionam, debatem conceitos e colaboram uns com os outros. Nesse sentido, uma comunicação eficaz é essencial para o processo de ensino e aprendizagem, visto que os educadores, psicólogos e demais profissionais que atuam na educação, podem oportunizar a criação de espaços de discussões em grupo e feedback construtivo para promover a comunicação saudável e eficaz no ambiente escolar (Dias, Patias & Abaid, 2014).

Nesse sentido, as intervenções realizadas em uma escola municipal de Campina Grande, utilizando a arte a fala como instrumentos de intervenção para a promoção do desenvolvimento, foram divididas em dois momentos relatados a seguir:

1º INTERVENÇÃO

Nomeada de “Tenda do Conto”, a intervenção teve como público-alvo os alunos do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Henrique Guilhermino Barbosa, situada no bairro do Catolé de Zé Ferreira na cidade de Campina Grande, com duração de duas horas em cada turma.

Para a intervenção, foi pedido aos alunos que trouxessem de casa algum objeto ou figura que representasse um momento marcante e/ou importante na sua história. Foram levadas, também, algumas figuras abstratas e reflexivas de temas como: uso de drogas, gravidez na adolescência, comunicação não-violenta, timidez, choro, abandono, entre outros. Os alunos ficaram organizados em círculo e sentados ao chão, com figuras e objetos como peças de centro do círculo, para permitir que os participantes identificassem os objetos/figuras e elaborassem suas falas a partir do atravessamento causado por tal objeto/figura.

Desse modo, através dessa intervenção planejada com a equipe da escola, sobretudo com a participação da psicóloga da Unidade Educacional, foi possível promover um momento reflexivo, adentrando no mundo pessoal e subjetivo dos alunos participantes, conhecendo, a partir das falas trazidas, um pouco sobre suas vivências subjetivas de sofrimento, aflições, curiosidades, motivação,

felicidade, e demais assuntos, proporcionando, assim, um lugar de fala e escuta, bem como o estabelecimento de relações mais saudáveis e de confiança entre os membros da comunidade escolar.

2º INTERVENÇÃO:

Nomeada de “Festival de Talentos”, a intervenção teve como público-alvo os alunos que, de acordo com a equipe da escola, apresentam queixas com relação a dificuldade de aprendizagem, comportamento e evasão escolar. Desse modo, juntamente com a supervisora da escola, conversamos com os professores que relatam as dificuldades apresentadas por cada turma. Posteriormente, nos reunimos com os alunos e, através desse diálogo, eles puderam abertamente relatar sobre seus talentos, para além dos relatos negativos apresentados pelos professores.

Após este momento de diálogo, promovemos um festival de apresentações com a participação dos alunos, buscando explorar suas peculiaridades artísticas não conhecidas pela comunidade escolar e, conseqüentemente, a valorização e reconhecimento dos mesmos, promovendo uma nova percepção em si e do outro no ambiente escolar, para além dos estigmas apresentados.

Assim, a partir das reflexões advindas dessas intervenções realizadas, foi possível perceber que as práticas pedagógicas devem ser direcionadas à promoção dos processos de desenvolvimento, que considerem os aspectos sociais, individuais e históricos dos alunos, incentivando, através da arte e da fala, os processos de criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, reafirma-se que integrar a arte e a fala em ambientes educacionais, pode favorecer a criação de experiências de aprendizagem mais ricas e significativas, visto que a arte nos convida a criar e a imaginar, a expressar nossa identidade e trabalhar as potencialidades, promovendo o desenvolvimento saudável dos alunos.

Nesse sentido, observa-se a importância da utilização desses recursos em espaços de educação, e a ação mediadora do psicólogo escolar junto ao coletivo de atores escolares, de forma a incluir o corpo docente, a equipe escolar, gestão, e família, bem como promover a ampliação de conhecimentos acerca dos processos de aprendizagem que oportunizem os processos imaginativos, criativos e emocionais e, assim, promover o desenvolvimento de todos que fazem parte da comunidade escolar.

4 REFERÊNCIAS

- Alexandrino, V. P. (2021). *Psicologia histórico-cultural, arte e desenvolvimento humano: contribuições para prática de profissionais da educação infantil* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Dias, A. C. G., Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2014). Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. *Psicologia Escolar E Educacional*, 18(1), 105–111.
- Neves, L. R. (2017). Contribuições da Arte ao Atendimento Educacional Especializado e à Inclusão Escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 23(4), 489–504. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/s1413-65382317000400002>
- Vygotsky, L. S. (2021). *Problemas da Defectologia*. São Paulo: Expressão Popular.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA E A MOTIVAÇÃO DA MULHER PARA AQUISIÇÃO DE ARMA DE FOGO: RELATOS OBSERVADOS NO ESTÁGIO BÁSICO

Ailma Melo de Moraes

Thallya Alves Silva

Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo identificar a relação entre a avaliação psicológica e a motivação das mulheres que procuram a Clínica Desenvolva com a intenção de adquirir a posse de uma arma de fogo. Este é um tema complexo e multidimensional que requer uma análise cuidadosa. Na visão de Resende (2017), a avaliação psicológica desempenha um papel importante na determinação da aptidão de uma pessoa para possuir uma arma, considerando não apenas aspectos técnicos, mas também psicossociais e emocionais.

De acordo com Lima (2023) a motivação das mulheres para adquirir uma arma pode ser influenciada por uma variedade de fatores, incluindo preocupações com segurança pessoal, experiências prévias de violência, percepção de risco e mudanças sociais e culturais. Este trabalho explorará a interseção entre avaliação psicológica e a motivação feminina para adquirir armas de fogo, destacando a importância de uma abordagem abrangente e sensível ao contexto para compreender as motivações individuais dessas mulheres.

O interesse por estudar essa temática surgiu a partir da vivência de um estágio em avaliação psicológica, durante o qual foi notada uma crescente procura de mulheres interessadas em obter a posse de uma arma de fogo. Cabe destacar que, o estágio em avaliação psicológica desempenha um papel fundamental na formação do psicólogo, proporcionando a oportunidade de aplicar conhecimentos teóricos na prática, desenvolver habilidades práticas e compreender as questões éticas da profissão.

Diante da importância da avaliação psicológica no contexto da posse de armas de fogo, surge o seguinte questionamento: quais são as motivações das mulheres que buscam realizar a avaliação psicológica para obter a posse de uma arma de fogo?

DESENVOLVIMENTO

Durante o período de estágio na Clínica Desenvolva, um espaço credenciado pela Polícia Federal que recebe pessoas interessadas em obter a posse e o porte de armas, observamos uma demanda significativa de mulheres por esses serviços. Essa constatação nos despertou para a

importância de compreender as motivações por trás dessa busca. No contexto do manuseio da arma de fogo, a avaliação psicológica é uma prática importante e sensível, visando garantir a segurança tanto da pessoa que manuseará a arma quanto da comunidade em geral (Gonçalves & Gomes, 2007).

O estágio ocorreu entre os meses de março e maio de 2024. Durante esse período, tivemos a oportunidade de aplicar técnicas relacionadas ao processo de Avaliação Psicológica, como a observação, a realização de entrevistas estruturadas com as participantes e a aplicação de testes psicológicos, entre eles: Matizes de Inteligência Geral (MIG); Atenção Concentrada (Rota C); Atenção Difusa (TEDIF-1); Teste Pictórico de Memória (TEPIC) e Teste de Personalidade (Paleográfico).

Além disso, foi possível corrigir os testes aplicados, o que contribuiu para nossa formação prática. Observamos que, por meio de uma análise dos resultados obtidos com a avaliação psicológica, o psicólogo pode emitir um parecer decisivo sobre a aptidão ou não aptidão para o porte de uma arma de fogo. Dentro da análise minuciosa dos resultados concebidos pelo desenvolvimento da avaliação psicológica, o psicólogo destinará seu parecer decisivo de aptidão ou não aptidão para o porte de uma arma de fogo (Caneda & Teodoro, 2010).

Para a composição deste relato, utilizamos o protocolo de Avaliação Psicológica de quatro mulheres. Sobre o perfil dessas participantes, observamos que suas idades variaram entre 30 e 45 anos e todas possuíam o ensino médio completo. Em relação ao estado civil, três se denominaram casadas e uma solteira. Outro aspecto interessante foi a diversidade de profissões e ocupações entre as participantes. Enquanto uma trabalhava no ambiente corporativo, sendo empresária, outras três desempenhavam funções mais físicas ou de serviço público, enquanto vigilantes.

Ainda sobre o perfil, cabe destacar que essas mulheres apresentavam uma diversidade de origens e contextos sociais. Algumas vinham de áreas urbanas densamente povoadas, enquanto outras residiam em regiões mais afastadas, caracterizadas por uma sensação de isolamento e menor presença policial. Essa variedade de contextos demonstra como as motivações para a busca da posse de armas podem ser influenciadas por diferentes experiências de vida e percepções de segurança.

Para compreender as motivações por trás da busca por arma de fogo, exploramos as respostas fornecidas nas entrevistas realizadas com as participantes. Essa técnica foi conduzida de maneira sensível ao contexto, oferecendo um espaço seguro para que as participantes pudessem compartilhar abertamente suas motivações, experiências e percepções sobre a relação entre a avaliação psicológica e a decisão de possuir uma arma.

As entrevistas revelaram uma variedade de motivos para as mulheres buscarem avaliação psicológica para obter posse de arma de fogo. Algumas participantes expressaram preocupações com

a segurança pessoal e a necessidade de se protegerem em situações de violência doméstica. Outras mencionaram uma sensação de vulnerabilidade percebida devido a mudanças sociais e culturais.

No entanto, pudemos identificar que o principal objetivo dessas mulheres era conseguir um emprego na área de vigilância armada em empresas privadas no Estado da Paraíba. Para essas mulheres, a posse de arma de fogo não era apenas uma questão de segurança pessoal, mas também uma exigência profissional na área de vigilância. Elas destacaram a importância de estar preparadas e habilitadas para lidar com situações de risco no ambiente de trabalho, o que inclui o manuseio adequado de armas de fogo.

Além disso, muitas delas mencionaram a estabilidade financeira e as oportunidades de crescimento profissional oferecidas pela indústria da segurança privada como motivadores adicionais para buscar empregos nesse setor. Em resumo, a experiência de estágio na Clínica Desenvolva revelou a importância de compreender as motivações individuais das pessoas em possuir uma arma de fogo. A compreensão dessas motivações é de grande valia para uma abordagem eficaz e ética na avaliação psicológica, garantindo que a decisão de possuir uma arma seja tomada com responsabilidade e discernimento.

CONCLUSÃO

Percebemos com essa prática que as preocupações com segurança pessoal, experiências prévias de violência mudanças sociais e culturais emergiram como principais impulsionadores desse desejo. No entanto, também é importante reconhecer que fatores emocionais relacionados com a insegurança e proteção pessoal, desempenham um papel significativo nessa decisão. Essas conclusões sugerem a necessidade de abordagens integradas na avaliação psicológica para melhor compreender e lidar com as diferentes motivações subjacentes à posse de armas de fogo, especialmente entre as mulheres.

Ao examinar as motivações das mulheres para adquirir uma arma de fogo, é fundamental reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas individuais. Isso inclui considerar preocupações com segurança pessoal e familiar, experiências prévias de violência, percepção de risco, influências sociais e culturais, além de mudanças nas leis de posse de armas. Destacamos ainda, a importância a prática do estágio em avaliação psicológica, que oportunizou a aplicação dos conhecimentos teóricos na prática, nos proporcionando ainda, o entendimento das questões éticas da profissão.

REFERÊNCIAS

- Caneda, C. R. G. & Teodoro, M. L. M. (2010). Desenvolvimento e investigação de propriedades psicométricas da escala motivacional para porte de arma (EMPA). *Avaliação Psicológica*, 9(3), 471-478.
- Gonçalves, C. M. de S. & Gomes, M. J. M. P. (2007). *Avaliação Psicológica para porte de arma em mulheres através do Z-Teste*. In *Anais do III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*, São Paulo. III Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica.
- Lima, A. K. S. (2023). *Motivos que levam mulheres à aquisição de armas de fogo e a importância da avaliação psicológica*. (Trabalho de Conclusão de Curso). UNIFIP Centro Universitário, Campina Grande, Brasil.
- Resende, M. A. (2017). *Avaliação psicológica para concessão do porte de arma de fogo à população e policiais da PMMG*. Minas Gerais: Psicologia: Saúde Mental e Segurança Pública.

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PARA POSSE DE ARMA DE FOGO: TESTES APLICADOS NA PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Beatriz De Cantalice Bezerra

Bruna Deisielly Ferreira Rodrigues Moraes

Jakson Luis Galdino Dourado (Orientador)

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui relatado nasce da vivência de um Estágio Supervisionado em Avaliação Psicológica. Durante esse estágio, tivemos a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação acadêmica em psicologia proporcionada pela UNIFIP Campina Grande. Neste sentido, o objetivo desta vivência foi experienciar e compreender a aplicação prática dos testes psicológicos utilizados na avaliação de candidatos à posse de arma de fogo. Por meio da observação e participação ativa em procedimentos de Avaliação Psicológica

A finalidade da Avaliação Psicológica para autorização do uso de armas de fogo é subsidiar decisões sobre as características psicológicas do indivíduo em relação a um perfil estabelecido (Resende, 2017). Como requisito obrigatório para obter a licença de porte de arma de fogo no Brasil, a avaliação psicológica é fundamental para impedir que pessoas sem as capacidades psíquicas e cognitivas necessárias tenham acesso a um instrumento que pode representar grave risco à vida. Isso destaca a importância de investimentos adequados na área.

Esse procedimento é baseado nas normas dos órgãos competentes, que definem os processos e regulam a prática profissional, como a atual Instrução Normativa nº 78 da Polícia Federal, de 10 de fevereiro de 2014, e a Resolução CFP nº 01, de 21 de janeiro de 2022. A Polícia Federal, pela Lei nº 10.826/2003, possui a autoridade para estabelecer as regras e os requisitos relativos à autorização de especialistas encarregados de certificar a capacidade psicológica necessária para o manuseio de armas de fogo (Brasil, 2003).

A Instrução Normativa nº 78/2014, da Polícia Federal, estabelece a quantidade mínima de instrumentos de avaliação psicológica necessária para avaliar as características de personalidade e habilidades específicas dos usuários de armas de fogo e dos vigilantes, consistindo em: I - um teste projetivo; II - um teste expressivo; III - um teste de memória; IV - um teste de atenção difusa e concentrada; e V - uma entrevista semiestruturada (Brasil, 2014).

Em suma, o presente estudo emerge de uma imersão prática durante o Estágio Supervisionado em Avaliação Psicológica. Ao vivenciar e compreender os procedimentos da Avaliação Psicológica, vislumbra-se não apenas a importância crucial dessa prática para garantir a segurança pública, mas

também a necessidade contínua de investimentos e adesão às normativas estabelecidas pelos órgãos regulatórios.

DESENVOLVIMENTO

Durante um período de dois meses, entre março e maio de 2024, realizamos um estágio em Avaliação Psicológica na clínica Desenvolva Psicologia, situada em Campina Grande/PB. Nessa experiência, tivemos a oportunidade de trabalhar diretamente com uma variedade de testes psicológicos, os quais são considerados ferramentas exclusivas e de uso restrito para psicólogos(as).

Tabela 1 – Testes Psicológicos trabalhados no Estágio Supervisionado.

Teste Psicológico	Constructo Avaliado
Palográfico	Personalidade; Expressividade
Rotas da Atenção - Rota C	Atenção Concentrada
Matizes de Inteligência Geral - MIG	Inteligência; Raciocínio Lógico
Teste de Atenção - TEDIF-1	Atenção Difusa
Teste Pictórico de Memória – TEPIC-M2	Memória de Curto Prazo

O objetivo dos testes aplicados na clínica é determinar a aptidão de uma pessoa para portar e possuir uma arma de fogo. No primeiro dia do estágio, iniciamos com uma abordagem mais voltada para observação. Conforme avançamos em nosso aprendizado, fomos gradualmente solicitados a conduzir entrevistas iniciais. Essas entrevistas envolviam questionamentos sobre a saúde física e mental do indivíduo, sua relação com a família e o trabalho, a qualidade do sono na noite anterior, a alimentação do dia, se algo estava incomodando no momento, entre outras questões pertinentes.

Inicialmente, tivemos a oportunidade de observar a aplicação de uma bateria de testes, conduzida pelo psicólogo e preceptor de campo, Jakson Luís. Durante essa etapa, observamos cuidadosamente como os testes são administrados, levando em consideração o tempo necessário e suas particularidades específicas. Além disso, fomos encorajados a aplicar esses testes em alguns encontros, o que contribuiu significativamente para aprofundar nossos conhecimentos teóricos.

Cada estagiário teve a chance de realizar uma série de testes com os candidatos, proporcionando uma demonstração prática da eficácia dessas avaliações. Dessa forma, pudemos ter acesso aos resultados e verificar se os candidatos estavam ou não aptos para o uso de armas de fogo.

À medida que nos familiarizamos com os testes e aprendemos a manuseá-los, começamos a aplicá-los e a corrigi-los. Inicialmente, concentramo-nos na correção dos testes relacionados à atenção concentrada (Rota C), em seguida, passamos para o teste de memória (TEPIC-M2), atenção difusa (TEDIF-1), Teste de Inteligência (MIG) e o palográfico.

Em relação à correção dos testes, cada um apresenta uma abordagem distinta em relação ao que se propõe a mensurar. Por exemplo, o teste Palográfico (Alves & Esteves, 2019), voltado para a avaliação da personalidade, analisa diversos aspectos, como produtividade, número total de palos, distância entre os traços, inclinação, tamanho, direção das linhas, margens (esquerda, direita e superior), pressão aplicada, irregularidades, ganchos, impulsividade, emotividade e organização.

O teste de Atenção Concentrada, denominado de Rota C (Rabelo, Cruz & Castro, 2020), tem como objetivo medir a atenção concentrada. A correção é realizada por meio de um gabarito, que é fornecido junto com o teste. Ao posicionar o gabarito sobre o teste, é possível identificar os erros, acertos e omissões. Em seguida, na mesma etapa de correção, os erros são somados às omissões e subtraídos dos acertos. Com o resultado total, é possível verificar em qual percentil e classificação o candidato se enquadra, consultando uma tabela de referência.

O teste de memória (TEPIC-M2) é corrigido por meio da atribuição de pontos (Rueda & Sisto, 2007). Cada objeto ou detalhe lembrado pelo candidato é contabilizado como um ponto, com exceção de casos em que ocorre repetição de palavras. Após somar todos os pontos, é possível verificar, em uma tabela específica, o percentil correspondente a esse total. O teste de inteligência (MIG) é acompanhado de um gabarito para auxiliar nas correções necessárias (Rabelo et al., 2021). Ao analisar o teste, são observados os erros, acertos e omissões. Em seguida, os erros e omissões são somados e subtraídos dos acertos. O resultado final é conferido em uma tabela que apresenta o percentil correspondente ao desempenho do candidato.

O uso dos testes mencionados, nos proporcionou importantes aprendizados sobre o processo de Avaliação Psicológica e o comportamento humano. É importante reconhecer que o manuseio dos testes psicológicos exige uma consideração cuidadosa das diretrizes éticas e profissionais, garantindo a integridade dos resultados e o respeito pelos direitos dos indivíduos avaliados e esse foi um dos maiores aprendizados do Estágio Supervisionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências ao longo das semanas de estágio em Avaliação Psicológica foram enriquecedoras a cada dia de prática. Foi uma jornada extremamente válida, repleta de aprendizado, especialmente no que diz respeito à preparação para o próximo estágio supervisionado II. Estamos avançando com um entendimento mais profundo e uma base teórica e prática bastante sólida.

Compreender os conceitos da avaliação para além do aspecto teórico é crucial em nossa formação em psicologia. Aprender gradualmente a ouvir o sujeito, compreender e aplicar triagens, administrar testes e reconhecer a importância do primeiro contato com o paciente são aspectos essenciais para direcionar os próximos passos a serem dados.

A reflexão também foi uma parte fundamental destas últimas semanas. Cada dia nos trouxe uma nova realidade, permitindo-nos aprender na prática como lidar e contornar os desafios apresentados em cada caso. Entender a subjetividade e as limitações de cada indivíduo que atravessa nosso caminho como estagiários na clínica Desenvolva Psicologia foi uma experiência valiosa. Este estágio foi de suma importância para nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- Alves, I. C. B., & Esteves, C. (2019). O teste palográfico na avaliação da personalidade. 3. ed. São Paulo: Vetor.
- Brasil. Departamento de polícia federal. Instrução normativa nº 78, de 10 de fevereiro de 2014. Dpf. Brasília, df, 10, fev. De 2014.
- Brasil. Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o sistema nacional de armas (Sinarm), define crimes e dá outras providências. Brasília, df, 22, dez. De 2003.
- Rabelo, I. S., Portugal, A. C. A., Cruz, R. M., & Castro, N. R., Landeira-Fernandez, J., Anunciação, L. (2021). Matrizes de Inteligência Geral (MIG). Editora Nila Press.
- Rabelo, I.S., Cruz, R.M., & Castro, N. R. (2020). Bateria Rotas de Atenção. Manual Técnico. Nila Press.
- Rueda, F., & Sisto, F. (2007). Teste Pictórico de Memória - (TEPIC-M): Manual. São Paulo, Brasil: Vetor.
- Resende, M. A. (2017). Avaliação psicológica para concessão do porte de arma de fogo à população e policiais da PMMG. Minas Gerais: Psicologia: Saúde Mental e Segurança Pública;
- Tonglet, E. C. (2002). Bateria Geral de Funções Mentais: Teste de Atenção Difusa – BGFM-1. São Paulo: Vetor

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA PSICOSSOCIAL PARA O TRABALHO EM ALTURA (NR 35): RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Nicholas Bandeira da Silva Martins

Jakson Luis Galdino Dourado

Brenda Kelly Sarmento Silva Leite

INTRODUÇÃO

Este relato descreve a prática de estágio em Avaliação Psicológica, com foco na Avaliação Psicossocial para admissão de funcionários destinados a trabalhar em altura, conforme as Normas Regulamentadoras (NR). Essas normas são relativas à segurança e medicina do trabalho, sendo obrigatória nas empresas públicas e privadas, bem como em órgãos públicos, Poder Legislativo e Judiciário, que possuam empregados e servidores regidos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (Brasil, 2017).

Durante o estágio, trabalhamos aspectos relacionados à (NR 35), norma que versa sobre atividades em altura (Brasil, 2021b). Essa normativa exige que os trabalhadores se submetam a uma Avaliação Psicológica obrigatória para assegurar que possuem as condições psicossociais necessárias para realizar suas funções com segurança, minimizando os riscos de acidentes e promovendo a saúde e o bem-estar no ambiente de trabalho.

De acordo com Nascimento et al. (2021), a Avaliação Psicológica Psicossocial tem como objetivo avaliar os fatores psicossociais para atividades que envolvam riscos, através da análise da história clínica pessoal e ocupacional em entrevistas e também através da aplicação de instrumentos psicológicos específicos.

Cordioli e Grevet (2019) destacam que a Avaliação Psicológica Psicossocial utiliza técnicas padronizadas para identificar fatores que possam comprometer a segurança e o desempenho dos trabalhadores. Hutz et al. (2016) ressaltam a importância de identificar características pessoais, habilidades cognitivas e emocionais que influenciam a capacidade de trabalhar em ambientes perigosos, como o trabalho em altura.

DESENVOLVIMENTO

O estágio foi realizado na Clínica Desenvolva –Psicologia & Saúde, em Campina Grande, PB, entre 18/03/2024 e 05/06/2024. O estágio foi parte integrante da disciplina de Estágio Básico IV - Avaliação Psicológica. A clínica oferta a comunidade o serviço de Avaliação Psicológica Psicossocial de funcionários para atividades de alto risco, sobretudo relacionados ao trabalho em

altura. O espaço é credenciado junto a dispositivos de segurança do trabalho e busca avaliar o cumprimento de normas regulamentadores para fins laborais.

Neste sentido, o público-alvo do estágio incluiu candidatos a posições que exigem trabalho em altura, sendo que a maior parte dos trabalhadores eram oriundos da construção civil. Rocha (2013) destaca que o trabalho em altura na construção civil envolve atividades realizadas em locais elevados, onde há risco de queda que pode resultar em acidentes graves ou fatais. Este tipo de trabalho é comum em diversas etapas da construção, desde a fundação até a finalização de edifícios e outras estruturas.

As práticas ocorriam uma vez por semana, com sessões de três horas diárias, sob a supervisão de um preceptor de estágio. A experiência, desde o seu início, proporcionou uma prática abrangente na aplicação de testes psicológicos, análise de resultados e principalmente, condução de entrevistas. Lins (2022) entende que os testes podem ser incluídos na avaliação, desde que sejam apropriados para a situação específica. Nesses casos, devem ser interpretados com cautela e em conjunto com as informações provenientes de outros instrumentos.

As atividades do estágio incluíram a organização do ambiente de trabalho, seleção de instrumentos de avaliação, observação das práticas do professor preceptor, realização de entrevistas estruturadas e aplicação de testes psicológicos. As sessões de aplicação dos testes ocorreram em uma sala específica, e os resultados eram corrigidos e analisados.

Para avaliação dos aspectos psicossociais relacionados ao trabalho, tivemos a oportunidade de aprender sobre os seguintes instrumentos de Avaliação Psicológica: Teste de Matrizes de Inteligência Geral Não Verbal (MIG), Bateria de Rotas de Atenção, Tepic M-2, BGFM-1 e Teste Palográfico. O uso de tais instrumentais teve o objetivo de avaliar inteligência, atenção, memória e características de personalidade, aspectos essenciais para as dinâmicas diárias exigidas nos ambientes laborais.

Destacamos ainda, a condução de entrevistas estruturadas como uma etapa importante no processo de Avaliação Psicológica Psicossocial. Leitão (2021), aponta que as entrevistas estruturadas são aquelas cujos tópicos ou perguntas do roteiro obedecem a uma definição. Através das entrevistas, foi possível obter um entendimento mais profundo sobre os candidatos, permitindo a identificação de características pessoais, habilidades emocionais e padrões de comportamento que não seriam detectados apenas com testes padronizados. Essa prática enriqueceu a avaliação, garantindo que os trabalhadores selecionados estivessem aptos para desempenhar suas funções em alturas com segurança e eficiência, contribuindo para a prevenção de acidentes e promoção de um ambiente de trabalho saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, destacamos que o estágio na Clínica Desenvolva – Psicologia & Saúde foi uma experiência valiosa que nos proporcionou uma compreensão aprofundada da Avaliação Psicológica Psicossocial e sua aplicação prática. Além disso, tivemos contato com uma área da Avaliação Psicológica até então, pouco praticada no curso – a Avaliação Psicológica Psicossocial, assim, enriquecendo nosso repertório profissional e fornecendo-nos habilidades para a prática no contexto da saúde mental e do bem-estar psicológico laboral.

Por fim, destacamos que a Avaliação Psicológica Psicossocial é vital para assegurar que os funcionários possuam as competências emocionais e psicológicas necessárias para executar tarefas em ambientes de alto risco e tal prática deve ser executada com zelo, responsabilidade e ética profissional.

REFERÊNCIAS

Brasil (2017). Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Brasília: Senado Federal.

Brasil (2021b). Norma Regulamentadora No. 35 (NR-35). Disponível em: www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretariade-trabalho/inspecao/seguranca-e-saude-no-trabalho/ctpp-nrs/normaregulamentadora-no-35-nr-35 Acesso em: 28 de set 2021.

Cordioli, A. V., & Grevet, E. H. (2019). Psicoterapias: Abordagens Atuais. Artmed.

Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (2016). Avaliação Psicológica: Métodos, Técnicas e Testes. Porto Alegre: Artmed.

Leitão, C. (2021). A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise. Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação: Abordagem qualitativa de Pesquisa, 3.

Lins, Manuela Ramos Caldas. (2022). Avaliação Psicológica no Brasil: Entrevista com Luiz Pasquali. Avaliação Psicológica, 21(4), 446-449. <https://doi.org/10.15689/ap.2022.2104.24065.08>

Nascimento, et al. (2021). Avaliação Psicológica Psicossocial. Belo Horizonte: Artesã.

Rocha, C. A. G. S. C. (2013). Diagnóstico do cumprimento da NR-18 no subsetor edificações da construção civil e sugestões para melhoria da gestão da segurança e saúde ocupacional nas empresas da construção civil. (Mestrado) - Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CAPSi VIVA GENTE: HABILIDADES SOCIAIS

Laura Beatriz Figueiredo Abdala

Maria Anilda Firmino Dantas de Albuquerque

Maria Laila Ribeiro Correia

Thiago Silva Fernandes (Supervisor)

INTRODUÇÃO

A presente experiência foi realizada no primeiro semestre de 2024 como parte de uma disciplina de Extensão em Saúde Mental, no curso de Psicologia, da FIP Campina Grande, supervisionada pelo professor Thiago Fernandes, no CAPSi Viva Gente, da mesma cidade.

O estágio no CAPSi Viva Gente, ofereceu a oportunidade de aprofundar conhecimentos teóricos e práticos no campo da psicologia infantil e juvenil. Este estágio proporcionou uma experiência rica e transformadora, focada em três áreas essenciais para o desenvolvimento emocional e social dos jovens: emoções, habilidades sociais e autoconhecimento.

O CAPSi Viva Gente é um centro especializado em saúde mental infantojuvenil que atende crianças e adolescentes com diversos tipos de transtornos e dificuldades emocionais.

O objetivo deste trabalho é ressaltar como as intervenções realizadas durante o estágio no CAPSi Viva Gente influenciam positivamente o desenvolvimento emocional e social dos jovens atendidos. Destaca-se a importância dessas práticas para promover o bem-estar e o crescimento pessoal dos pacientes, enfatizando a necessidade de uma abordagem holística na saúde mental infantojuvenil.

DESENVOLVIMENTO

Durante o estágio realizado no CAPSi Viva Gente, diversas atividades foram conduzidas com o intuito de promover o desenvolvimento emocional e social dos jovens atendidos. A abordagem adotada focou-se em três áreas-chave: emoções, habilidades sociais e autoconhecimento.

As atividades voltadas para o manejo das emoções foram realizadas principalmente por meio de oficinas terapêuticas. Estas oficinas se revelaram como um dos principais métodos para auxiliar os adolescentes a identificar e expressar seus sentimentos de maneira saudável. Técnicas como dinâmicas de grupo, jogos lúdicos e expressões artísticas foram empregadas, demonstrando eficácia na facilitação da comunicação emocional dos jovens (Rogers, 2016; Smith, 2018).

No desenvolvimento das habilidades sociais, o enfoque recaiu na melhoria da interação entre os adolescentes. Foram conduzidas atividades em grupo que incentivavam comportamentos cooperativos e empáticos, visando promover a colaboração, o respeito mútuo e a resolução de

conflitos. Dinâmicas que permitiam aos jovens ensaiar diferentes situações sociais mostraram-se valiosas para prepará-los para enfrentar desafios no contexto escolar e familiar (Johnson & Johnson, 2017; Brown, 2019).

A literatura revisada evidencia a importância do autoconhecimento no desenvolvimento pessoal dos adolescentes. Durante o estágio, os jovens foram incentivados a explorar suas próprias identidades, reconhecer suas qualidades e limitações, e desenvolver um senso de autoaceitação. Técnicas como a escrita terapêutica e a construção de narrativas pessoais foram empregadas para estimular a reflexão sobre suas experiências de vida e promover uma visão mais positiva de si próprios (Pennebaker, 2017; McAdams, 2018).

Ao longo do estágio, foi possível observar o impacto positivo das intervenções psicológicas no desenvolvimento emocional e social dos adolescentes atendidos pelo CAPSi Viva Gente. Esta experiência reforçou a importância de uma abordagem holística e individualizada no cuidado com a saúde mental infantojuvenil, destacando a necessidade de atenção aos aspectos emocionais e sociais para promover o bem-estar e o desenvolvimento integral dos pacientes.

CONCLUSÃO

O estágio no CAPSi VIVA Gente foi uma experiência enriquecedora que permitiu a aplicação de conhecimentos teóricos em contextos práticos e vivenciar o impacto positivo das intervenções psicológicas no desenvolvimento de crianças e adolescentes. As atividades centradas em emoções, habilidades sociais e autoconhecimento contribuíram significativamente para o crescimento emocional e social dos jovens atendidos. Essa experiência reforçou a importância de uma abordagem holística e individualizada no cuidado com a saúde mental infantojuvenil, mostrando que a atenção aos aspectos emocionais e sociais é fundamental para promover o bem-estar e o desenvolvimento integral dos pacientes.

REFERÊNCIAS

- Brown, L. (2019). *Enhancing social skills in adolescents: Techniques and strategies*. New York, NY: Academic Press.
- Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (2017). Cooperative learning and social interdependence theory. In G. S. Hall & P. A. Smith (Eds.), *Handbook of social and emotional learning* (pp. 234-256). Boston, MA: Pearson.
- McAdams, D. P. (2018). *The art and science of personality development*. New York, NY: Guilford Press.

- Pennebaker, J. W. (2017). Expressive writing: Words that heal. Enumclaw, WA: Idyll Arbor.
- Rogers, C. R. (2016). On becoming a person: A therapist's view of psychotherapy. Boston, MA: Houghton Mifflin Harcourt.
- Smith, J. A. (2018). The therapeutic relationship in group therapy. London, UK: Sage Publications.

CONSTRUINDO CAMINHOS DE ACOLHIMENTO E BEM-ESTAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO

Raquel Araújo Nunes

Ana Paula da Silva Constantino

Jezreel Dos Santos Araújo Oliveira

João Batista da Costa Filho

Thiago Silva Fernandes

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão em saúde mental e atenção psicossocial, foi realizado em uma Unidade de Acolhimento, em Campina Grande – PB. A Unidade de Acolhimento é um serviço público prestado à comunidade, acolhendo indivíduos e famílias com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência, pessoas em trânsito e sem condições de autossustento. Objetivando garantir proteção integral aos acolhidos em caráter temporário, pelo tempo necessário, enquanto os encaminhamentos e as medidas cabíveis para cada situação estão sendo providenciados.

A elaboração e execução de projetos de extensão em saúde mental e atenção psicossocial são muito importantes na formação profissional dos discentes de psicologia, pois permitem a aplicação prática de conhecimentos teóricos e o desenvolvimento de competências a partir de contextos reais, além de promoverem o acolhimento e bem-estar dos participantes.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi relatar a experiência de quatro discentes de Psicologia das Faculdades Integradas de Patos – Campina Grande (FIP CG) no projeto de extensão intitulado “Construindo Caminhos de Acolhimento e Bem-Estar”, desenvolvido junto aos acolhidos de uma Unidade de Acolhimento em Campina Grande-PB.

DESENVOLVIMENTO

Com a crescente inserção do psicólogo na Política Pública de Assistência Social, torna-se crucial analisar sua atuação. A partir da Constituição Federal de 1988, a assistência social é reconhecida como uma política pública integrante do tripé da seguridade social, juntamente com a saúde e a previdência social. Em 1993, foi promulgada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), visando regular e organizar a assistência social ao estabelecer leis e diretrizes para garantir os direitos dos cidadãos beneficiários. O Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) aprovou a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) em 2004, seguido pelo surgimento do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em 2005, ambos com o objetivo de estruturar a operacionalização da assistência social (Gomes & Gonçalves, 2018).

No SUAS, os psicólogos devem ter uma atuação voltada para garantir direitos, visando a retomada de autonomia das famílias e sujeitos em risco social e pessoal, promovendo diversas formas de proteção social de acordo com o nível de vulnerabilidade. Porém, eles enfrentam desafios, como a confusão de papéis com assistentes sociais e a tendência a atender por meio do modelo de psicoterapia clínica tradicional. É fundamental a atuação interdisciplinar dos psicólogos com assistentes sociais, reconhecendo as diferenças profissionais e articulando objetivos. Seguindo a PNAS, eles devem considerar a subjetividade na violação de direitos, buscando garantir direitos socioassistenciais com uma abordagem psicossocial (Gomes & Gonçalves, 2018; Macedo et al., 2011).

Um dos integrantes do SUAS são as Unidades de Acolhimento, que têm como objetivo fornecer proteção social e oferecer moradia temporária para sujeitos cujos vínculos familiares estão rompidos ou enfraquecidos. Nesse contexto, é importante ressaltar que o acolhimento institucional desse grupo social aborda várias formas de violação de direitos e requer, essencialmente, a integração entre os serviços como uma estratégia mais abrangente para atender às suas necessidades (Machado & Ricci, 2020).

A atuação dos psicólogos em Unidades de Acolhimento é um campo ainda em desenvolvimento, principalmente devido ao fato deles ainda estarem se apropriando dessa demanda. É essencial que, além das tarefas operacionais de atender às necessidades básicas dos acolhidos, os psicólogos adotem uma abordagem que promova o acolhimento e bem-estar psicossocial, visando mitigar os impactos da violência nas vidas deles (Silva et al., 2015).

Dessa forma, os psicólogos, em conjunto com a equipe multiprofissional, devem enxergar os acolhidos como agentes sociais significativos e potenciais interlocutores das realidades sociais às quais pertencem. Isso requer uma abordagem interdisciplinar, na qual os profissionais que atuam na instituição compartilhem saberes e técnicas para uma maior compreensão desse contexto (Silva et al., 2015).

Por isso, é importante que a atuação dos psicólogos nas políticas públicas seja orientada por alguns pressupostos teórico-metodológicos, como a consideração da dimensão subjetiva, o rompimento dos padrões normativos e opressores da diversidade humana, a potencialização do sujeito e a promoção da participação social nas políticas públicas (Gesser, 2013).

Diante disso, o objetivo do projeto de extensão foi promover um espaço de escuta e acolhimento para identificar as demandas dos acolhidos da unidade de acolhimento e, assim, compreender suas necessidades de saúde mental e realizar ações visando melhorar o bem-estar psicossocial dos participantes.

O projeto de extensão foi realizado no semestre de 2024.1 e as metodologias utilizadas durante ele foram: a observação participante das atividades desenvolvidas na unidade de acolhimento, realização de rodas de conversa, exibição de vídeo, oficina de cinema, tenda dos contos e jogo.

Para a escuta das demandas da instituição e compreensão do seu funcionamento, foi empregada a metodologia de roda de conversa. Durante essa etapa, a psicóloga e a assistente social forneceram aos estudantes das FIP CG informações detalhadas sobre o funcionamento da instituição, os papéis desempenhados por elas e a importância da atuação interdisciplinar da equipe profissional.

A familiarização com os acolhidos, funcionários e estrutura física da unidade de acolhimento ocorreu por meio da observação participante, permitindo a compreensão da dinâmica da instituição e estabelecendo uma conexão inicial com os acolhidos e a equipe profissional. O educador social também participou da discussão sobre as demandas da instituição e seu funcionamento, explicando seu papel e atuação dentro desse contexto.

A partir da escuta das demandas da instituição e da compreensão do seu funcionamento, identificou-se a necessidade de realizar atividades grupais. Diante disso, os discentes das FIP CG planejaram três intervenções contendo atividades grupais. As intervenções grupais conduzidas na unidade de acolhimento foram realizadas com as 30 pessoas acolhidas na instituição, contando com a colaboração dos profissionais que atuam na instituição.

A primeira intervenção consistiu na exibição do vídeo "Entrevista com Maria," do documentário Human. Essa atividade foi planejada com o intuito de inspirar e promover a reflexão entre os acolhidos. Após a exibição, foi conduzida uma roda de conversa para que eles expressassem suas perspectivas sobre o vídeo, proporcionando um espaço de diálogo e escuta.

A segunda intervenção foi a realização de uma oficina de cinema, na qual foi exibido o filme "O Auto da Compadecida". Após a exibição, foi conduzida uma roda de conversa para escutar as visões dos acolhidos sobre o filme. O objetivo dessa atividade foi oferecer momentos de lazer, entretenimento e reflexão aos participantes.

Por fim, a terceira intervenção consistiu no encerramento do projeto de extensão, envolvendo várias atividades para os acolhidos e os profissionais da unidade de acolhimento. As atividades realizadas foram Tenda dos Contos, Jogo de Bingo e lanche coletivo, com o objetivo de promover a integração, diversão e fortalecimento dos laços sociais entre os acolhidos e a equipe profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações realizadas no projeto de extensão alcançaram com êxito o objetivo de promover um espaço de escuta e acolhimento, realizando intervenções para melhorar o bem-estar psicossocial dos

participantes. A eficácia das ações desse projeto pode ser observada por meio dos relatos dos acolhidos e dos profissionais que atuam na instituição, os quais destacaram a importância e os impactos positivos das intervenções realizadas. A elaboração e execução desse projeto permitiram, aos quatro discentes das FIP CG, a aplicação prática de conhecimentos teóricos e o desenvolvimento de competências a partir de contextos reais.

REFERÊNCIAS

- Gesser, M. (2013). Políticas públicas e direitos humanos: desafios à atuação do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(spe), 66–77.
- Gomes, N. D. S., & Gonçalves, S. M. M. (2018). A psicologia na assistência social: considerações sobre o percurso histórico deste “novo” campo. *Revista Mosaico*, 9(1).
- Macedo, J. P., Sousa, A. P. de., Carvalho, D. M. de., Magalhães, M. A., Sousa, F. M. S. de., & Dimenstein, M. (2011). O psicólogo brasileiro no SUAS: quantos somos e onde estamos?. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 479–489.
- Machado, A. P., & Ricci, É. C. (2020). A intersetorialidade na saúde mental infantojuvenil: articulações entre um CAPSI e Unidades de Acolhimento. *Revista de Psicologia da UNESP*, 19(spe), 190-205.
- Silva, C. D. L., Denardi, R. C., Becker, A. P. S., & Delvan, J. S. (2015). A Psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(1), 55-65.

DESPERTANDO VÍNCULOS ENTRE JOVENS: USO DE TÉCNICAS DE
DINÂMICA DE GRUPO COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA
CIDADÃ INTEGRAL TÉCNICA PROF. RAUL CÓRDULA

André Luis Almeida Dantas
Beatriz de Cantalice Bezerra
Hellen Nicoly Costa Avelino
Mariana Guedes Ferreira
Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

No contexto educacional, os grupos desempenham um papel importante no apoio ao desenvolvimento acadêmico, social e emocional dos alunos. As relações grupais rodeiam toda a vida humana, desde o nascimento até os momentos em que estabelecemos contato entre as pessoas, tais como: família, ciclos de amizade, escola, trabalho, entre outros. Esses relacionamentos são expandidos ao longo de nossas vidas, como no passado, criar os filhos era uma tarefa única da família, mas hoje a escola assume a responsabilidade pela educação e socialização das crianças e dos adolescentes, como cita, Weil (1960).

Segundo Bock (2004), o papel dos grupos no contexto social é onde a aprendizagem ocorre de maneira significativa. Os grupos na sala de aula proporcionam oportunidades para os alunos interagirem, compartilharem conhecimento e construir entendimento coletivo. Destacando a importância dos grupos na promoção do desenvolvimento humano. Ao participar de grupos educacionais, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas, além de construir identidades individuais e coletivas.

Bock (2004), também ressalta sobre a importância da diversidade nos grupos educacionais, ela discute como a interação entre alunos com diferentes origens, experiências e perspectivas enriquece o processo de aprendizagem e contribui para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo grupal e tomada de decisão.

Zimmerman (2000), pontua alguns critérios para conceituar o que formam grupos: Um grupo não se resume simplesmente à soma de indivíduos; os membros de um grupo

se reúnem em torno de uma missão e de um objetivo em comum. Uma intervenção em grupo no contexto educacional; é importante que o tamanho do grupo não ultrapasse um limite que comprometa a comunicação essencial, seja ela visual, auditiva, verbal ou conceitual; é necessário estabelecer um ambiente adequado (setting) e seguir as combinações feitas dentro dele.

Paulo Freire (1997), diz que, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de

intervenção no mundo. Contudo, essa intervenção deve iniciar no âmbito interno da instituição de ensino. Nesse sentido, a atuação do gestor ou coordenador, junto a um consultor, um terapeuta de grupo, um docente, um chefe, um diretor escolar, entre outros, desempenha um papel essencial na cultura institucional e na eficácia do ensino oferecido pela escola. Além disso, as intervenções podem se tornar recorrentes para desenvolver estratégias de resolução e enfrentamento dos problemas identificados na instituição, sejam de aprendizagem, ensino ou de algum tema social emergente.

Na esfera escolar, é notável que a escola oferece oportunidades para a colaboração em grupo, visando atender às diferentes necessidades educacionais, principalmente no que diz respeito à capacitação dos profissionais nesse ambiente. Portanto, é imprescindível criar instâncias de debate e reflexão que permitam uma interpretação inovadora da escola como um conjunto de grupos (Emílio, 2004).

Sendo assim, é possível notar a importância da necessidade de dinamismo no olhar e nas ações do gestor escolar. Compreender o sujeito de forma isolada torna-se inviável, uma vez que ele está sempre inserido em um conjunto, em um ambiente onde cada elemento influencia o outro, conforme destacado por Ribeiro (1995).

DESENVOLVIMENTO

O projeto foi posto em prática na Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Prof. Raul Córdula, situada na Rua Gabio José de Oliveira Araujo, S/Nº, bairro Pres. Médici, em Campina Grande/PB.

Já de início há que se citar que, quanto ao método, o projeto foi desenvolvido tomando-se por base o viés da pesquisa-ação, que consiste em um tipo de pesquisa que possui íntima relação com a resolução de um problema coletivo ou com uma ação, cujos participantes e pesquisadores cooperam para um fim específico, conforme Baldissera (2001).

Buscando-se obter um diagnóstico do local e do público escolhido, foi apresentado à Sra. Rossa, coordenadora da escola, a sugestão do uso de técnicas de dinâmica de grupo; deixamos em aberto o objetivo inicial, a fim de que a própria educadora elencasse as principais demandas dos alunos, tendo nos sido informado que no decorrer do ano letivo já foi possível identificar vários pontos que merecem atenção no tocante à convivência dos alunos, especialmente os do terceiro ano. Disse que tem sido comum ocorrerem desavenças interpessoais entre o alunado. A coordenação respondeu positivamente à intervenção proposta pelos discentes da UNIFIP – Campina Grande.

Nessa relação entre os pesquisadores e o coletivo participante, sabe-se que há de estar presente uma implicação recíproca, não podendo ser traduzir como mero levantamento de dados; ao contrário, busca-se que a coletividade em questão participe ativamente, fazendo-se conhecer pelos

pesquisadores, e estes, por outro lado, devem ter a intenção e a capacidade de contribuir com os participantes.

Assim, foram realizados dois encontros na descrita instituição escolar, tendo o primeiro ocorrido em 16/05/2024 e tendo como público-alvo os alunos do segundo ano do ensino médio – uma turma com 16 alunos, e outra com 24; o segundo encontro se deu com 23 alunos do terceiro ano do ensino médio, já no dia 17/05/2024.

A técnica escolhida foi a que recebe o título de “teia de aranha”, e que admite várias formas de aplicação e de objetivos. Tendo em conta o contexto escolar, a idade e momento de vida do público-alvo, bem como as circunstâncias relatadas pela coordenadora da ECIT, a técnica foi utilizada de forma a se instigar uma melhor convivência entre os alunos, e se deu nos seguintes passos: a) na quadra poliesportiva, os participantes foram dispostos em pé e em formato de círculo; b) foi entregue um novelo de barbante a um dos alunos, solicitando-se que ele enumerasse qualidades de algum colega de turma, mas sem citar o nome inicialmente; c) após a adjetivação, o aluno com o novelo deveria anunciar o nome da pessoa elogiada, e entregar o novelo à ela, mas permanecendo em seu lugar e segurando a ponta do barbante; d) o aluno elogiado deveria fazer o mesmo, ou seja, elogiar outra pessoa e lhe entregar o novelo, permanecendo em seu lugar e segurando o fio do barbante; e) todos deveriam, sucessivamente, elogiar e passar o novelo, até não sobrar mais nenhum colega; f) ao final, deveriam trabalhar em conjunto para que a teia tecida através da interação, pudesse ser desfeita sem que ocorresse nenhum nó no barbante.

O objetivo da técnica “teia de aranha”, neste contexto, teve como objetivo primordial, através da psicoeducação, promover uma maior e mais saudável integração entre os participantes, especialmente por se tratar de um público que sabidamente passa por problemas de convivência. Outro objetivo do uso da técnica consistiu em induzir o trabalho em equipe quando do momento de desfazer a teia por eles construída.

Para evitar nós, precisariam trabalhar de forma coordenada, agindo visando um objetivo em comum, além de ser possível identificar e dar destaque a alguns participantes com mais desenvoltura para desempenhar função de facilitação, ou seja, aqueles que conseguem se portar de forma mediadora e, ao mesmo tempo, delegar funções aos demais.

A psicoeducação apresenta uma variedade de metodologias que visam possibilitar a compreensão do que afeta a saúde dos indivíduos, bem como planejar intervenções resolutivas contando com a participação ativa das pessoas, promovendo saúde e autonomia aos envolvidos. Concebe-se como um espaço privilegiado para trabalhar habilidades de necessidade comum em um coletivo de pessoas expostas aos mesmos contextos sociais, como ocorre no ambiente escolar. As intervenções coletivas possibilitam trocas de experiências e a descentralização da figura do

facilitador, o que cria um campo de horizontalidade afetiva, encorajando os participantes a compartilharem suas próprias vivências e desenvolverem vínculos (Brito e Ponciano, 2021).

Inicialmente alguns participaram de forma mais comedida, mas, com o avançar da dinâmica aplicada, uma possível resistência inicial foi sendo quebrada e passaram a vivenciar mais plenamente o momento; muitos se alongaram no discurso, exaltando qualidades diversas dos colegas.

Merece destaque o fato de terem aplaudido bastante ao final da técnica, bem como os próprios alunos falaram do interesse em participarem de momentos similares, o que foi endossado pelo professor presente (Luís Carlos, da disciplina Educação Física) e pela coordenação da escola. Assim, deixaram claro que a técnica surtiu algum efeito positivo junto aos participantes. É nesse mesmo sentido o ensinamento de Luczinski e Ancona-Lopez (2010), quando dizem que a principal função do psicólogo é questionar-se o que é o homem e o que pode o profissional da Psicologia fazer por ele ou com ele, e através dos recursos de que dispõe.

Desta forma, tendo em vista a grande aplicabilidade da pesquisa-ação na área educacional (Dendasck, 2021), buscou-se desenvolver o projeto através de uma metodologia ativa junto ao público-alvo, qual seja, através do uso do livro “O monstro das cores”, de Anna Llean (2018); a autora é uma arte-terapeuta espanhola, tendo a obra se tornado uma referência em educação emocional, além de best seller em vários países para os quais foi traduzida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades extensionistas se traduzem como importantíssimas ferramentas que possibilitam ligar o saber teórico com a vivência nas instituições, possibilitando que haja alguma contribuição da academia à coletividade ou à ciência, de modo que se desnuda aos discentes o cotidiano do fazer da psicologia em diversos contextos.

Este relatório buscou descrever atividades realizadas no âmbito escolar a partir do uso de técnicas de dinâmicas de grupo. De forma sucinta, pode-se dizer que o objetivo geral foi a reflexão acerca da atuação profissional, revestindo-se de um exercício de estudo, fixação e elaboração da experiência vivida, favorecendo, assim, o aprendizado da prática da profissão do psicólogo; mas, principalmente, atuar de forma a contribuir com a coletividade, de forma a aproximar a teoria acadêmica das necessidades da sociedade.

É nítido o quão grande foi a contribuição desta disciplina para uma formação acadêmica mais ampla e alinhada com as necessidades contemporâneas, sendo de grande valia as atividades desenvolvidas em campo, já que não mais se tratou tão somente da teoria, passando-se a ter contato com a prática da Psicologia no tocante à aplicação de técnicas de dinâmica de grupos junto aos

adolescentes.

Este projeto se mostrou muito proveitoso por ter sido possível a aproximação da disciplina com a psicologia educacional. Inclusive, há que se destacar que a atividade de extensão junto à ECIT Raúl Córdula foi muito relevante também por se tratar de uma grande instituição de ensino público, possibilitando-nos verificar a carência de um profissional da psicologia naquele ambiente educacional, apesar da enorme demanda existente. Foi possível ver na prática os desafios enfrentados pelos professores e pela coordenação ao identificarem que há uma gigantesca demanda represada que poderia ser melhor trabalhada se ali houvesse um psicólogo educacional.

Ficou bastante nítido o quanto a presença de um psicólogo no ambiente educacional acabaria por gerar qualidade no atendimento aos estudantes, bem como a todo o corpo docente, familiares e à comunidade como um todo, já que todos os indivíduos são sujeitos plurais, que atravessam e são atravessados pelos demais membros da comunidade.

Pudemos verificar que o tempo disponibilizado para a implementação do projeto acabou por ficar aquém do que o campo mostrou como necessidade, já que foram realizados apenas dois encontros, mas visualizamos que seriam necessárias outras visitas para conseguir abarcar todo o alunado da escola.

Desenvolver projeto de extensão em Psicologia se reveste de essencial relevância no processo de desenvolvimento acadêmico, pois através dele se apresentam as principais competências práticas da profissão aos acadêmicos, proporcionando a interação dos conhecimentos teórico-práticos, resultando em um interessante e necessário processo de aprendizagem e crescimento através de diversas situações e desafios, de modo a se diminuir dúvidas e questionamentos surgidos no processo teórico e/ou prático. Ficou bastante nítido o quanto é necessário se democratizar o acesso a profissionais de psicologia; a coletividade se mostra carente nesse aspecto.

REFERÊNCIAS

Baldiserra, A. (2001). Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo.

Sociedade em debate. Recuperado de

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5706220/mod_resource/content/1/Pesq_a%C3%A7%C3%A3o_metodologia_conhecer_agir.pdf

Bock, Ana. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. Ed. Reform. E ampl. São Paulo: saraiva, 2004.

- Brito, E.J.E e Ponciano, E.L.T (2021). Estar em grupo: psicoeducação para experienciar sensações corporais e emoções. Recuperado de <https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclnicos/article/view/22344>
- Dendasck, C. V. (2021). A pesquisa-ação e as suas contribuições para a ciência metodológica: aspectos gerais. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Recuperado de: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/a-ciencia-metodologica>
- Emílio, S. A. A escola como um grupo e os grupos na escola. Revista da spagesp, v. 5, n.5, p. 24-28, dez. 2004.
- Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- Luczinski, G. F., & Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. Recuperado de 10.1590/S0103-166X2010000100009
- Ribeiro, J. P. Psicoterapia De Grupo Analítica: Teoria E Técnica. 2. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- Weil, P. A criança: o lar e a escola. Rio de janeiro: civilização brasileira, 1960.
- Zimmerman, D. E. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto alegre: artes médicas, 2000.

DINÂMICA DE GRUPO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

Aline dos Santos Barbosa

Mônica Da Silva Alves

Sabrina Freire Tavares

Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

A dinâmica de grupo caracteriza-se como uma atividade realizada por duas ou mais pessoas que se reúnem para compartilharem algo em comum. Dessa forma, é a partir desse propósito grupal que os participantes se permitem integrar e interagir com os demais para compartilhar ideais, compreender e aprender sobre os mais variados aspectos que acompanham o ser humano e suas particularidades (Rocket & Corrêa, 2017).

Logo, a dinâmica de grupo busca potencializar a socialização, propiciando ao indivíduo a oportunidade de se comunicar, se integrar, se motivar e a se desenvolver pessoalmente. Assim, o desenvolvimento do grupo acontece quando a prática da participação e o respeito acontece, pois é dessa forma que os sujeitos poderão se conhecer e estimular a reflexão de suas questões, compartilhando com os demais seus conflitos e aprendizagens que obtiveram ao longo da vida (Lucas, 2017).

Então, esta ação consiste em troca de sugestões, conhecimentos e ideias que permeiam o alcance do objetivo do grupo. Desse modo, são selecionadas e organizadas as características de determinado grupo com o propósito estabelecido para que haja a integração e a interação. Com isso, as dinâmicas podem ser entendidas como um quebra-gelo para descontrair o grupo, uma apresentação que consiste no reconhecimento dos integrantes do grupo, de integração onde propicia a aproximação do grupo, de relaxamento e animação que considera entusiasmar e divertir os participantes e por último a de capacitação que permite estimular as qualidades e aprendizagens do grupo (Rocket & Corrêa, 2017).

Dessa forma, esta atividade pode ser empregada em vários contextos, principalmente referente a área organizacional. Nesse aspecto, a dinâmica de grupo aborda os conflitos existentes em equipes no ambiente organizacional, pois estes podem causar desentendimentos, baixa produtividade e relações desarmônicas no local de trabalho. Desse modo, é importante buscar atividades grupais para integrar a equipe, possibilitando a comunicação e a participação de todos, no qual compreendam e reflitam as questões individuais e coletivas que surgem como obstáculos no desenvolvimento do grupo e da organização (Prá, 2022).

De acordo com Prá (2022) é preciso que o psicólogo que intervém no ambiente organizacional consiga identificar os fatores que impedem a integração grupal” e “promover a competência relacional latente entre seus componentes. Sendo que, antes de implantar a ação é necessário conhecer o contexto e o clima da organização e como estes conflitos estão dificultando a relação dos funcionários e consequentemente a produtividade.

Portanto, o trabalho tem como objetivo abordar a questão motivacional presente nos estudantes dos cursos técnicos, possibilitando a reflexão e a compreensão destes sobre os obstáculos que surgem no ambiente da aprendizagem que prejudicam o desenvolvimento pessoal e profissional.

DESENVOLVIMENTO

A dinâmica de grupo foi desenvolvida no Centro de Educação Profissional Prof. Stenio Lopes - SENAI, localizado na rua Dom Pedro II - 788, na Prata. A instituição oferece cursos preparatórios para os jovens que estão iniciando a sua carreira no mercado de trabalho. Em parceria com as empresas, o SENAI oferece treinamentos com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens.

A atividade foi realizada no dia 21 de maio de 2024, sendo direcionada para os jovens aprendizes que trabalham no turno da manhã nas empresas e no turno da tarde fazem o curso preparatório no SENAI. Fizeram parte da atividade 18 adolescentes na faixa etária entre 18 e 24 anos de idade dos sexos feminino e masculino. Para as dinâmicas foram utilizados como recursos papéis e canetas coloridas.

A atividade foi dividida em dois momentos, no primeiro deles realizamos uma dinâmica de apresentação. Que tem o objetivo de diminuir a tensão e possibilitar um ambiente mais acolhedor (Alberti, Abegg, Costa & Tilton, 2014). Diante disso, aplicamos a dinâmica *Troca de papéis*, onde todos os participantes atribuíram uma característica aos outros membros do grupo que melhor descrevessem eles. Após isso, cada um fez o compartilhamento das suas características e pôde expressar se concordou ou não com o que leu a respeito de si.

O objetivo central da dinâmica é trabalhar a empatia e permitir que o sujeito se enxergue a partir do olhar do outro, possibilitando uma auto reflexão sobre si. De acordo Alberti, Abegg, Costa e Tilton (2014) às dinâmicas de apresentações permitem também a observação de comportamentos a partir das falas dos participantes e da forma de expressar e ouvir o outro.

De acordo com Rodrigues, Imai e Ferreira (2001), as relações no âmbito organizacional, contribuem para a promoção do desenvolvimento interpessoal, que podem ser promovidos através

de momentos coletivos de discussões e compartilhamentos de aspectos presentes dentro e fora do grupo, permitindo um ambiente mais agradável e a harmonia da equipe.

No segundo momento foi aplicado a dinâmica *Cartas para o futuro*, que tem o objetivo de promover uma reflexão acerca dos desejos futuros de cada participante. Segundo Paiva e Raserva (2012), as cartas podem encorajar os outros membros do grupo, promover a reflexão e identificar objetivos em comum. Os participantes foram convidados a refletir o seu momento atual e em seguida construir uma carta a partir de suas visões e desejos para o futuro.

Em seguida foi pedido para que cada um falasse sobre o que escreveu, pois a partir da leitura das cartas, o sujeito consegue expressar a sua subjetividade e os desejos que estão associados à identidade de cada um (Oliveira, Santos & Lacerda, 2020). Além disso, as cartas possibilitam uma compreensão sobre si e uma motivação para alcançar os objetivos propostos.

Os autores Tamayo e Paschoal (2003), entendem como motivação o impulso que ajuda o colaborador a se sentir realizado pessoal e profissionalmente. Os autores ainda complementam que a motivação do trabalhador está relacionada com o respeito e a possibilidade de oportunidades para alcançar as suas necessidades e os seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica de grupo é uma das principais ferramentas a se trabalhar no setor organizacional, a partir das dinâmicas, consegue ter uma observação geral do grupo, além de gerar comunicação, compartilhamento de ideias, apresentações e gerar reflexões para a vida profissional e pessoal.

Com isso, as dinâmicas de grupo foram pensadas em trabalhar a comunicação, socialização entre os membros do grupo, compartilhamento de ideias e estreitamento de afinidades, além de ser trabalhada a motivação dos mesmos. Dessa forma, o grupo pode estreitar mais os laços a partir da dinâmica de apresentação, o qual pode observar as características que seus colegas tinham ao seu respeito.

Além disso, os alunos puderam expressar as suas percepções sobre os colegas, fazendo assim uma socialização mais estreita dentro da organização. Com isso, os colegas puderam se conhecer melhor, além de estimularem as boas relações.

Ainda mais, os alunos também puderam considerar suas perspectivas sobre seu futuro profissional e pessoal, analisando e descrevendo seus objetivos e preferências para sua capacitação, fornecendo uma visão de si mesmo em dias futuros. Com isso, tais prioridades serviram de motivação para que eles se assegurassem em qual caminho seguir, reconhecendo suas qualidades e limitações, impasses e desafios que podem surgir durante este percurso.

Dessa forma, tais atividades realizadas possibilitaram uma maior integração dos colegas, interação de ideias e reflexões acerca de seus planejamentos futuros e reconhecimento de si mesmo, pois ao compartilhar suas concepções o grupo desenvolve e amplia seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- Alberti, T. F., Abegg, I., Costa, M. R. J., & Titton, M. (2014). Dinâmicas de grupo orientadas pelas atividades de estudo: desenvolvimento de habilidades e competências na educação profissional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 95, 346-362.
- Lucas, A. (2020). *Gestão de pessoas e liderança*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.
- Oliveira, V. H. N., Dos Santos, A. M., & De Lacerda, M. P. C. (2020). O recurso da "metodologia de cartas" como forma de captura dos fluxos urbanos de jovens contemporâneos. *DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, (27), 77-92.
- Paiva, L. P. C. D., & Rases, E. F. (2012). O uso das cartas terapêuticas na prática clínica. *Psicologia clínica*, 24, 193-207.
- Prá, R. (2022). Intervenção grupal no contexto Organizacional, *Processos grupais*, 1-15.
- Rocket, F., & Corrêa, R. S. (2017). Dinâmica de grupo. *Educação Nutricional*, 85-89, SAGAH, Porto Alegre, 2017.
- Rodrigues, R. R. J., Imai, R. Y., & Ferreira, W. D. F. (2001). Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho. *Psicologia em Estudo*, 6, 123-127.
- Tamayo, A., & Paschoal, T. (2003). A relação da motivação para o trabalho com as metas do trabalhador. *Revista de Administração Contemporânea*, 7, 33-54.

DINÂMICAS DE GRUPO: VIVENCIANDO A APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS EM UM LAR DE IDOSOS

Laís Vitoria Barros Alves

Sthephany Hortência De Almeida Gouveia

Thallya Alves Silva

Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo demonstrar técnicas de dinâmica de grupo que foram aplicadas em um lar de idosos. Tal prática fez parte de uma atividade de campo relacionada a disciplina "Dinâmica de Grupo e Relações Humanas" da UNIFIP/CG. A disciplina propôs em um dos seus estágios, a inserção dos alunos em variadas instituições, como centros de saúde ou núcleos educacionais, para conduzir uma interação com um determinado grupo de pessoas, sejam eles funcionários ou usuários do serviço.

Neste sentido, a intenção do trabalho é apresentar e descrever as vivências na área de Dinâmicas de Grupo, considerando a atuação dos estudantes de psicologia em determinadas práticas. O local escolhido para intervenção foi o Lar de Idosos - Amigos do Bem, uma instituição particular que acolhe pessoas idosas, em prol de desenvolver várias atividades que proporcionem um envelhecimento saudável e humanizado. Dispõem de serviços como estádias de curta à longa duração dos internos e cursos para cuidadores para melhor cuidado e qualidade de vida dos mais velhos.

No entanto, não é toda instituição que busca desenvolver atividades com idosos com o objetivo de estimular seu potencial. Magesky, Modesto, & Torres (2009, p.2) trazem que:

O abandono de atividades como o trabalho pode ser dramático, já que, privado de sua identificação profissional e justificativa social, podem ocorrer diminuição da sua autoestima, sentimento de exclusão e insegurança. Assim, o sujeito que é submetido à instituição asilar pode ser privado de suas metas e projetos de vida (...)

Como recurso metodológico, foi escolhido uma Dinâmica de Apresentação com música e outra Dinâmica de Interação, que foi executada através do bingo. Assim, pretendeu-se vivenciar a psicologia através das estruturas grupais na área da saúde, utilizando as dinâmicas, como uma proposta de proporcionar momentos de lazer aos idosos institucionalizados.

DINÂMICAS DE GRUPO COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

O encontro foi realizado no dia 19 de maio de 2024, na instituição “Lar de Idosos - Amigos do Bem/ ACCICG”, localizado na Rua Vila Nova da Rainha, 254, na cidade de Campina Grande. Atualmente, conta com 18 idosos, sendo que 8 necessitam de cuidados específicos, pois apresentam comprometimento e adoecimento cognitivo, como algumas demências ou apresentam alguma deficiência física. A instituição privada, conta com uma equipe multidisciplinar na área da saúde.

No dia da exposição da dinâmica, participaram 8 idosos e a diretora da unidade esteve conosco durante este momento de interação. Alguns idosos, devido ao comprometimento cognitivo já não apresentavam fala ou movimentos, estavam acamados, por isso uma parte não pôde participar. Uma outra parte estava na casa de familiares.

A primeira dinâmica proposta tinha o objetivo de apresentação, de ouvir os sujeitos, suas histórias e a forma como se reconhecem atualmente. Nesta dinâmica, escolhemos um urso pequeno de pelúcia e algumas músicas de forró nordestino (atendendo ao pedido dos idosos). Enquanto uns se balançavam ao som do forró, eles passavam o urso de mão em mão, e quando a música parava, quem estivesse segurando o urso teria de se apresentar com nome; idade e o que mais gosta de fazer.

Nesta dinâmica, alguns precisavam de ajuda para lembrar sua idade, mas resposta comum sobre o que mais gostavam de fazer era: trabalhar. Uns no sítio, com a pecuária ou agricultura, pedreiro, ciências contábeis e outro era professor de letras com um livro de poemas publicado. Não importava a área, todos tinham boas lembranças e histórias que vivenciaram através do seu trabalho ao longo da vida.

Na segunda dinâmica, propomos um Bingo: demos uma cartela de números sortidos até 40 e sorteávamos os números. Quem preenchesse a tabela primeiro com os números chamados, ganhava uma caixa de chocolate. Nesta dinâmica, alguns precisaram de ajuda para encontrar os números na cartela, mas nada que prejudicasse o decorrer dela, muito pelo contrário, promovemos um momento de grande interação e risadas, visto que os idosos se mostraram bastante competitivos.

Durante o Bingo, uma das participantes decidiu apenas levantar e dançar o forró que ainda tocava. Fizemos com que se sentisse à vontade e ela percorria toda a área da cozinha dançando (lugar da casa que fizemos as dinâmicas, para aproveitar a mesa). Quando o primeiro ganhador se pronunciou, a diretora perguntou se poderia dividir a caixa de chocolates com os outros participantes, já que, nenhum deles podiam comer chocolates em excesso, e ele concordou.

CONCLUSÃO

A interação direta com os idosos e a condução de dinâmicas ofereceram uma oportunidade única para os estudantes de psicologia e profissionais em formação mergulharem nas complexidades do envelhecimento e das necessidades específicas dessa população. Durante essas interações, é possível observar e compreender de perto as diversas das necessidades emocionais e sociais dos idosos, que muitas vezes são subestimadas ou negligenciadas.

Ao realizar atividades práticas e dinâmicas de grupo com os idosos, foi vivenciado as questões que enfrentam, desde solidão e isolamento, a falta do trabalho e até questões de saúde mental e emocional. Pôde-se perceber, principalmente, como a falta de rotina e de trabalho impacta negativamente na saúde deles. São poucos os que ainda tem contato com a família e muitos os que sentem falta de um convívio, de um momento de integração, de se sentirem ouvidos. As atividades mostraram que eles sentiam falta de atividades simples, como: uma dança, atividades do lar (como ouvimos um relato de uma mulher que senti falta de varrer sua própria casa), atividades de lazer e, de alguma forma, mostraram que sentem falta de ocuparem o lugar de quem ainda decide sua própria história, lugar esse que pôde ser lembrado e, ainda que pouco, resgatado.

Embora essa experiência possa ter sido apenas um encontro, seu impacto é duradouro. Ela não apenas desperta o interesse em buscar uma atuação mais humanizada e empática na área da psicologia, mas também fortalece o compromisso de fornecer um cuidado de qualidade que respeite a dignidade e os direitos dos idosos. Essa reflexão profunda e enriquecedora é essencial para o desenvolvimento profissional e pessoal de todos aqueles envolvidos no cuidado e apoio aos idosos em nossa sociedade.

Por fim, destacamos que a vivência da disciplina permitiu a familiarização com a especificidade da dinâmica, além de ampliar os interesses e expectativas em relação à formação e ao exercício profissional de graduandos de Psicologia na instituição UNIFIP - Campina Grande.

REFERÊNCIAS

Magesky, A. M., Modesto, J. L., & Torres, L. C. A. (2009). Intervenção Psicossocial com um Grupo de Idosos Institucionalizados. *Saúde E Pesquisa*, 2(2), 217–224. <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/1073>

O LUTO PERINATAL À COMPREENSÃO PARA O ACOLHIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bianca Hellen Sarmento Silva Leite

José Anderson Gomes Adilson

Vitória Ana dos Anjos Couto

Vitória Beatriz Costa Silva

Gustavo Chaves Afonso Vigolvinho Borba (Orientador)

Thiago Silva Fernandes (Orientador)

INTRODUÇÃO

O luto perinatal é um processo decorrente da perda gestacional ou neonatal de um filho, configurando-se como um evento traumático e devastador para a família enlutada. As consequências psicológicas dessa perda podem ser profundas e duradouras, afetando não apenas a mãe, mas também o pai, outros filhos e familiares próximos. (Coelho, E. B. & Coelho, E. A. C., 2019).

No âmbito da Psicologia, compreender as nuances do luto perinatal e as necessidades específicas dos enlutados torna-se crucial para a oferta de um atendimento psicossocial adequado e eficaz. Essa atividade, elaborada como extensão da disciplina Saúde Mental e Atenção Psicossocial, tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre essa temática, explorando seus aspectos psicológicos, sociais e culturais, bem como as diferentes abordagens psicoterapêuticas disponíveis para auxiliar os enlutados em seu processo de luto.

Este trabalho destaca as atividades desenvolvidas durante o período da disciplina de extensão, delineando os objetivos alcançados, os desafios enfrentados e os impactos percebidos na comunidade atendida. Por meio de um olhar crítico e reflexivo, objetiva-se analisar o papel crucial da atenção psicossocial na promoção do bem-estar emocional e na construção de uma sociedade mais inclusiva e compassiva.

DESENVOLVIMENTO

LUTO PERINATAL

A gravidez, culturalmente carregada de simbolismo e expectativas, representa a promessa da vida e a perpetuação da espécie humana. Nesse contexto, a perda gestacional e o óbito fetal traz consigo, tanto para os parentes quanto para os profissionais de saúde, o desafio de lidar com uma impressão de mudança na ordem natural do mundo, uma mudança nos acontecimentos cotidianos e o ter que lidar com o eterno dilema entre vida e morte (Faria-Schützer et al., 2014).

A morte de um filho antes do nascimento pode representar a impossibilidade de atender às expectativas humanas naturais e, desta forma, interromper as expectativas existenciais depositadas durante a gravidez. Partindo dessa premissa, o luto diante da morte de um filho antes do nascimento possui dinâmicas complexas e singulares (Duarte & Turato, 2009).

Pode-se imaginar o quanto a morte de uma criança antes do nascimento afeta a mãe, o pai, os demais familiares e todos aqueles envolvidos nesse processo. Em termos de dinâmica emocional, as mulheres que vivenciam esse momento, sofrem impactos emocionais e podem experimentar sentimentos como: raiva, vazio, desamparo, solidão, incompetência, inadequação e autodepreciação (Flenady, 2014). A dor é intensa e pode durar anos, às vezes até décadas em alguns casos, especialmente quando os pais se tornam incapazes de processar emocionalmente a perda, resultando em sentimento de culpa e fracasso (Gravensteen, 2013).

Existem também poucos inquéritos que consideram as opiniões dos homens sobre a sua experiência de perda. Os estudos geralmente indicam que os efeitos psicológicos negativos no sexo masculino são menos intensos e duradouros, se comparados com o sexo feminino. A posição do homem é tratada como se este fosse um “personagem secundário” estabelecendo limites de apoio para o homem. O foco nos aspectos biológicos (limitados a mulheres), podem explicar falhas nos serviços de saúde e abraçar a dor dos homens pode limitar as oportunidades dos casais para lidar com os problemas e compartilhar a perda (Vescovi & Lewandowski, 2023).

Ao contrário das perdas esperadas, como a morte de pais ou avós, o luto perinatal desafia a lógica da temporalidade. A mãe se vê diante da morte de um filho que ela ainda não pôde conhecer, esse processo complexo de luto, exige um olhar sensível e acolhedor, que reconheça a complexa teia de emoções que envolve essa perda. É fundamental transcender a visão limitada do tempo de gestação e reconhecer a imensidão do vínculo afetivo que se estabelece entre mãe e filho desde a concepção (Faria-Schützer et al., 2014).

Ao mergulharmos na experiência do cuidado dedicado às famílias que enfrentam o luto perinatal, desvendamos as necessidades das famílias e os desafios dos profissionais de serviços em lidar com essa realidade. Através dessa compreensão profunda, podemos tecer um caminho para aprimorar a qualidade da atenção, acolhendo as complexas emoções que permeiam essa vivência.

EXPERIÊNCIAS E EXPECTATIVAS

O local da intervenção escolhida foi o ISEA, Maternidade Pública de Campina Grande que atua desde 5 de agosto de 1951 atendendo inúmeros municípios além de Campina Grande. No primeiro momento, realizou-se uma visita técnica para conhecer as funcionalidades da instituição, bem como o corpo de psicologia presente no local e suas áreas de atuação. Esse primeiro contato foi

essencial para entender a dinâmica da maternidade e identificar as necessidades específicas das pacientes. No segundo momento, escolhemos a unidade para desenvolver nosso plano de intervenção. Optamos pela "Ala das Flores", onde se encontravam mulheres puérperas e mulheres que passaram por perda gestacional, convivendo no mesmo ambiente. Observamos que essa configuração poderia gerar desafios significativos para a saúde mental dessas mulheres, demandando uma atenção especial.

Elaboramos um plano de intervenção com foco no luto perinatal, direcionado inicialmente aos profissionais e estudantes de psicologia. Observamos que muitos deles se deparam com essa situação sem ter um conhecimento significativamente aprofundado sobre o assunto. A intervenção foi planejada como parte das atividades do hospital dentro do movimento "Maio Furta-Cor", dedicado à saúde mental e emocional das mulheres. A intervenção foi realizada na forma de uma roda de conversa, um formato escolhido para facilitar o compartilhamento de experiências e a troca de conhecimentos. A roda de conversa foi um momento enriquecedor, proporcionando um ambiente acolhedor e de apoio mútuo onde foram compartilhadas diversas experiências e discutidos aspectos terapêuticos relevantes para o luto perinatal dentro do âmbito familiar. Os participantes relataram uma maior compreensão do tema e uma sensibilização quanto à importância do suporte psicológico nessas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dor do luto perinatal é profunda e singular, exigindo um olhar individualizado e ao mesmo tempo coletivo, mas também objetivo e sensível por parte dos profissionais da saúde mental e o apoio social e familiar é crucial para o processo de luto, oferecendo acolhimento e fortalecendo os laços afetivos.

Embora o luto perinatal seja uma experiência dolorosa e desafiadora, acreditamos que, através do apoio e da escuta atenta, podemos ajudar as famílias a navegar por esse processo difícil e ressignificando suas experiências e se refazendo a partir delas.

Sendo assim, é de extrema importância uma abordagem experiente e consciente, então faz-se indispensável a especialização, capacitações contínuas dos profissionais a respeito desse tema, a fim de que seja possível promover uma escuta qualificada e um aconselhamento empático e construtivo.

REFERÊNCIAS

Coelho, E. B., & Coelho, E. A. C. (2019). Luto perinatal e suas implicações na saúde mental da mulher. *Psicologia: Teoria e Prática*, 21(2), 45-58.

- Faria-Schützer, D. B. Fernandes, A. M., Santos, C. M., & Silva, R. C. (2014). Luto perinatal: O desafio de reconhecer e acolher a dor materna pela perda gestacional. *Revista de Psicologia*, 22(2), 115-129.
- Duarte, C. S. C., & Turato, E. R. (2009). A morte de um filho antes do nascimento: a complexidade do luto perinatal. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 561-568.
- Gravensteen, I. K., Helgadóttir, L. B. Jacobsen, E. M., Radestad, I., Sandset, P. M., & Ekeberg, Ø. (2013). Women 's experiences in relation to stillbirth and risk factors for long-term post-traumatic stress symptoms: a retrospective study. *British Medical Journal Open*, 3, e003323. doi: 10.1136/bmjopen-2013-003323.
- Vescovi, M., & Lewandowski, C. (2023). A posição dos homens no luto perinatal: uma revisão crítica das perspectivas atuais. *Revista de Psicologia e Saúde*, 28(1), 45-60.

ESTÁGIO BÁSICO-AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: IMPORTÂNCIA DO PROCESSO AVALIATIVO NO CONTEXTO DE TIRO ESPORTIVO

Hellen Nicoly Costa Avelino

Mônica da Silva Alves

Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

De acordo com o conceito designado pelo Conselho Federal de Psicologia, “a avaliação psicológica constitui-se como um processo técnico-científico de coleta de dados, estudo e interpretação de informações acerca dos fenômenos psicológicos que são manifestados da relação do indivíduo com a sociedade” (CFP, 2003).

Desse modo, o processo de avaliação psicológica dispõe de baterias de testes psicológicos, entrevistas e observações que permitem o recolhimento de informações sobre o indivíduo que está sendo avaliado, seja para diagnósticos psicológicos, manuseio de armas e análise de habilidades para seleção de empregos (CFP, 2022).

A disciplina de Estágio Básico IV - Avaliação Psicológica, a partir de sua proposta teórico-prática, visando capacitar o aluno com relação ao raciocínio e manejo de diferentes situações na aplicação e avaliação dos testes psicológicos. O estágio foi realizado na Clínica Desenvolva Psicologia e Saúde, localizada na rua Theodósio de Oliveira Ledo, 154, Bairro Centro, na cidade de Campina Grande. A clínica oferece serviços como Psicoterapia – Crianças, adolescentes, adultos e idosos; Terapia de Casal; Avaliação Neuropsicológica; Atendimento Psicopedagógico; Serviços de Avaliação Psicológica (Cirurgia Bariátrica; Avaliação Psicossocial; Avaliação para Vasectomia e Laqueadura e Avaliação para Posse e Porte de Arma de Fogo).

A maior demanda na clínica é para porte ou posse de armas de fogo, mas além dessa atividade, se fazem numerosos os clientes para prática de tiro esportivo, que demandam o mesmo cuidado, por estarem lidando com armas nocivas, por isso efetuamos entrevista, observação e aplicação da bateria de testes específicos, que testam as habilidades cognitivas do nosso cliente com relação a memória, personalidade, atenção e inteligência, o designando como aptos ou inaptos a prática de tiro esportivo.

Sendo assim, nosso trabalho tem como objetivo apresentar a importância do processo da avaliação psicológica para o contexto de tiro esportivo, por meio da experiência

obtida no Estágio Básico IV pudemos acrescentar realizado na Clínica Desenvolva, onde são realizadas avaliações psicológicas para o manuseio da arma de fogo.

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA PRÁTICA DO TIRO ESPORTIVO

A prática de atirar como esporte surge no Brasil com a entrada de outros povos no país, no final do século XIX e no início do século XX, como os italianos e alemães que buscavam reproduzir suas experiências e costumes de seus países de origem. Então, nesse meio tempo verifica-se a criação do primeiro clube de tiro no Brasil que se chamava Clube Sociétér du Tir a la Carabin no Rio de Janeiro, onde reunia várias pessoas de outros países e assim tal prática se difundiu ao longo do tempo e em outros locais (Neto & Guedes, 2011).

Atualmente, existem diversos clubes de tiro esportivo em todo o país, proporcionando diversão e lazer para seus praticantes, além disso, tais ambientes servem para o treinamento de indivíduos que buscam ingressar em campeonatos e olimpíadas neste esporte, pois foi selecionado como um esporte olímpico desde 1896, em Atenas (Neto & Guedes, 2011).

Neste caso, o processo da avaliação psicológica é destacado no contexto para o manuseio da arma de fogo como essencial, para a manutenção da calma e do controle emocional no objetivo de alcançar precisão e consistência. A avaliação psicológica auxilia os atletas a identificar e desenvolver estratégias para lidar com o estresse, a ansiedade e outras emoções que possam afetar seu desempenho. Então, é a partir das etapas da avaliação que se pode estabelecer as condições psíquicas do indivíduo candidato ao manuseio da arma, também referente ao tiro esportivo (CRP, 2016).

Tal técnicas são exclusivas do profissional da Psicologia, pois é necessário um amplo conhecimento de áreas como Psicologia do desenvolvimento, psicopatologias e dos aspectos de memória, inteligência, atenção, emoções e da psicometria, ainda mais compete a este profissional a elaboração de documentos psicológicos essenciais para o processo da avaliação e da devolução dos resultados (CFP, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, destaca-se, no contexto do tiro esportivo a importância da avaliação psicológica feita exclusivamente pelo profissional da psicologia, como uma das principais exigências para o manuseio de armas, no qual atletas ou praticantes de tiro devem estar aptos em habilidades cognitivas e comportamentais para utilização das mesmas.

Desse modo, a experiência de estágio proporcionou uma prática na área de avaliação psicológica, nos capacitando enquanto estudantes de Psicologia, onde pudemos visualizar e participar dos processos avaliativos para o porte e posse de armas e possibilitou um excelente aprendizado para a formação profissional das estudantes.

REFERÊNCIAS

Conselho Federal de Psicologia. (2022). *Cartilha de Avaliação Psicológica*

Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução CFP n. 0007/2003*

Conselho Regional de Psicologia 12º Região. *Revista Psicologia em Movimento*. N. 06 – Gestão 2013/2016, Jan./Fev. 2016.

Neto, W. O., & Guedes, S. P. L. C. (2011). *Esporte e patrimônio cultural: o tiro e as sociedades de atiradores em São Bento do Sul no início do século 21*, *Seminário Internacional Histórico do Tempo Presente*, UDESC, ANPUH-SC, 2011.

ESTÁGIO EM PSICOLOGIA E SAÚDE NO CAPSi: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Raquel Araújo Nunes

João Batista Da Costa Filho

Ana Paula Da Silva Constantino

Jezreel Dos Santos Araújo Oliveira

Pammella Lyenne Barbosa De Carvalho

INTRODUÇÃO

O estágio em Psicologia e Saúde foi realizado em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), em Campina Grande – PB. O CAPSi é um serviço público de saúde destinado ao atendimento de crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes. Seu objetivo é promover o desenvolvimento saudável, o fortalecimento psicossocial, o bem-estar emocional e a inclusão social, ao mesmo tempo em que assegura a cidadania e a autonomia dos usuários.

O estágio básico em Psicologia e Saúde é muito importante na formação acadêmica e profissional dos discentes de psicologia, possibilitando-lhes aplicar os conhecimentos teóricos na prática, desenvolver habilidades, identificar áreas de interesse profissional, bem como contribuir para o campo de estágio. Essa experiência proporciona uma maior compreensão das reais demandas e desafios encontrados no campo de estágio. Dessa forma, o estágio prepara os discentes para a sua futura atuação profissional.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi relatar a experiência de quatro discentes de Psicologia das Faculdades Integradas de Patos – Campina Grande (FIP CG) no estágio básico em Psicologia e Saúde.

DESENVOLVIMENTO

A partir da Constituição de 1988, no Brasil, a saúde é estabelecida como um direito universal e dever do Estado. A criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990, conforme a Lei nº 8.080/1990, regulamenta essa garantia. O SUS visa promover, proteger e recuperar a saúde da população, fundamentando-se em princípios como universalidade, gratuidade, integralidade e descentralização (Cintra & Bernardo, 2017).

É importante refletir sobre a atuação dos psicólogos como agentes de mudança, em consonância com o ideário do SUS e seus usuários, visando promover a produção social da saúde e da cidadania, alinhando-se a práticas comprometidas com o bem-estar social

(Dimenstein, 2001). Nesse sentido, acredita-se que um trabalho contextualizado do psicólogo no SUS deve promover a emancipação e o protagonismo dos indivíduos e das coletividades (Cintra & Bernardo, 2017).

Um dos serviços de saúde do SUS é o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O CAPS é um serviço de atenção diária, que é caracterizado como alternativa ao hospital psiquiátrico, cujo objetivo é promover a reabilitação psicossocial de seus usuários. Existem cinco modalidades de CAPS: CAPS I, CAPS II e CAPS III, diferenciando-se apenas pela complexidade e abrangência populacional; CAPSi, voltado para atendimento de crianças e adolescentes; e o CAPSad, destinado ao atendimento de indivíduos com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas (Bernardi & Kanan, 2015).

No CAPS, é fundamental a atuação dos psicólogos em equipes multiprofissionais, compreendendo suas próprias funções, além de entender e valorizar os papéis dos outros profissionais para um maior entendimento dos fenômenos. Isso implica em criar um ambiente de trabalho horizontal e não hierárquico, no qual o conhecimento é compartilhado, permitindo a reflexão e a consideração de novas abordagens (Cantele et al., 2012).

Ademais, os psicólogos precisam refletir sobre sua atuação, compreendendo os paradigmas que embasam suas práticas e adaptando um modelo de atendimento que realmente atenda às necessidades dos usuários (Cantele et al., 2012). A Psicologia deve romper com a ideia de políticas públicas como mera assistência e incorporar a concepção de políticas públicas como um direito da população legitimado pela constituição (Gesser, 2013).

Diante disso, o objetivo do estágio foi capacitar, do ponto de vista teórico-prático, os estagiários no âmbito das práticas psicossociais desenvolvidas nos campos das políticas públicas, para que desenvolvam habilidades e competências nesse contexto, e compreendam a atuação profissional interdisciplinar.

O estágio foi supervisionado pela preceptora de estágio, que atua como psicóloga na instituição, e pela supervisora acadêmica. O estágio ocorreu no semestre de 2024.1 e as metodologias utilizadas durante ele foram: observação participante das atividades desenvolvidas no CAPSi, dinâmicas de grupo, rodas de conversa, oficinas de culinária e jogos.

No primeiro momento, a preceptora apresentou aos estagiários a estrutura física do CAPSi, explicando o funcionamento da instituição e detalhando a composição da equipe de profissionais que atuam no local. Em seguida, a preceptora e os estagiários participaram de uma reunião com os pais ou responsáveis dos usuários. Após a reunião, discutiram os casos

abordados e realizaram a evolução dos prontuários dos usuários. Por fim, a preceptora relatou, na sua perspectiva, as principais demandas dos usuários que estariam presentes nas avaliações e oficinas realizadas durante o estágio.

Assim, identificou-se a necessidade da realização de atividades grupais com o objetivo de desenvolver as habilidades socioemocionais e sociais dos usuários. As intervenções grupais conduzidas no CAPSi foram realizadas com os usuários presentes nas avaliações e oficinas durante o estágio, contando com a colaboração da preceptora de estágio e de outro psicólogo responsável.

A partir disso, os estagiários planejaram e executaram três dias de intervenções. Em cada dia, as intervenções foram realizadas durante a avaliação e a oficina. A avaliação, realizada com os usuários recentes, visava compreender suas demandas e encaminhá-los para as oficinas mais adequadas às suas necessidades. As oficinas nas quais os estagiários participaram foram realizadas com os usuários diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No primeiro dia de intervenção, foi realizada a "Dinâmica das Emoções" durante a avaliação. Os estagiários exibiram dois vídeos sobre emoções, incentivando os usuários a refletirem e compartilharem suas perspectivas sobre o conteúdo dos vídeos. Após isso, os usuários usaram o termômetro das emoções para expressar como se sentiam no momento ou na maior parte do tempo. Em seguida, foi conduzida uma roda de conversa na qual os usuários compartilharam o que colocaram no termômetro das emoções.

Durante a oficina, os estagiários realizaram a "Oficina Terapêutica de Culinária" de docinhos, na qual os usuários aprenderam a preparar e modelar docinhos, promovendo interação social e criatividade. Os usuários compartilharam suas criações e os significados atribuídos a elas, e os pais foram convidados a apreciar o trabalho de seus filhos.

Essa oficina proporcionou aos usuários uma experiência na qual puderam sentir um sentimento de independência e autonomia, permitindo que fossem protagonistas de suas criações. Esse processo foi amplamente percebido e valorizado pelos pais, que demonstraram orgulho e felicidade ao ver o resultado do trabalho de seus filhos.

No segundo dia de intervenção, durante a avaliação e a oficina, os estagiários realizaram um jogo de tabuleiro com os usuários, buscando desenvolver habilidades sociais e socioemocionais. A atividade promoveu diversão, aprendizado e interação entre os participantes.

No terceiro dia de intervenção, ocorreu o encerramento das atividades de estágio no CAPSi. Durante a avaliação, foi conduzida a dinâmica "A Lata das Emoções", que consistiu

em uma lata contendo cartões com *emojis* representando emoções, acompanhados de perguntas no verso. Essas perguntas visavam estimular os participantes a compartilharem situações em que experimentaram cada emoção. Além disso, aqueles que desejaram foram incentivados a compartilhar suas razões para frequentar o CAPSi e expressar seus sentimentos sobre isso.

Durante a oficina, os estagiários realizaram a "Oficina Terapêutica de Culinária" de cupcakes. Eles organizaram as mesas com os materiais necessários, explicaram a receita e estimularam os participantes a colaborar na preparação da massa. Os cupcakes foram assados, e os participantes os decoraram livremente, criando topos personalizados para cada cupcake. A atividade buscou estimular a criatividade, a autonomia, a interação social e o fortalecimento dos laços entre os participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio proporcionou uma valiosa oportunidade para os estagiários desenvolverem habilidades e competências profissionais, ampliando sua compreensão das demandas encontradas no campo de atuação. Ao longo do estágio, diversas metodologias foram aplicadas, permitindo a vivência e aplicação dos conhecimentos teóricos na prática. Essa experiência contribuiu significativamente para o desenvolvimento profissional dos estagiários, preparando-os de forma mais completa para sua futura atuação como psicólogos no campo da saúde.

REFERÊNCIAS

- Bernardi, A. B., & Kanan, L. A. (2015). Características dos serviços públicos de saúde mental (Capsi, Capsad, Caps III) do estado de Santa Catarina. *Saúde em Debate*, 39(107).
- Cantele, J., Arpini, D. M., & Roso, A. (2012). A Psicologia no modelo atual de atenção em saúde mental. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(4), 910–925.
- Cintra, M. S., & Bernardo, M. H. (2017). Atuação do Psicólogo na Atenção Básica do SUS e a Psicologia Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 883–896.
- Dimenstein, M. (2001). O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, 6(2), 57–63.
- Gesser, M. (2013). Políticas públicas e direitos humanos: desafios à atuação do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(spe), 66–77.

EXPERIÊNCIAS DE GRADUANDOS DE PSICOLOGIA SOBRE A PRÁTICA EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Bianca Hellen Sarmiento Silva Leite

Danielle Rocha Bernardino

Sthephany Hortência de Almeida Gouveia

Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar e descrever as vivências no campo de Estágio Básico de Avaliação Psicológica, tendo em vista as especificidades da atuação do psicólogo em centros clínicos de avaliação. O componente curricular propôs a inserção dos alunos na clínica Desenvolva - Psicologia e Saúde, localizada em Campina Grande – PB.

Para Wechsler (1999) a Avaliação Psicológica (AP) é um processo que envolve quatro etapas, sendo elas: Planejamento/ Seleção do instrumento; Aplicação; Correção; Interpretação dos resultados. A partir de seus estudos, nos é relatado que o planejamento da avaliação, diz respeito a escolha do teste que será utilizado, o psicólogo deve conhecer todos os elementos do instrumento, precisão, validade, normas específicas e gerais para a população, modo de aplicação, correção e interpretação dos resultados.

Entende-se que o teste psicológico é um instrumento capaz de avaliar e mensurar variantes latentes não observáveis, como por exemplo, memória, inteligência, atenção concentrada, dentre muitos outros. Um teste psicológico é um procedimento sistemático para coletar amostras de comportamentos relevantes para o funcionamento cognitivo, afetivo ou interpessoal e para pontuar e avaliar essas amostras de acordo com normas (Urbina, 2014 p,2).

Hutz (2015) afirma que a AP é um processo muito complexo, onde seu principal objetivo é produzir diagnósticos e hipóteses a partir do processo avaliativo, das características cognitivas de um grupo ou pessoa. A avaliação do cliente pode ser acerca dos aspectos intelectuais, características ou nuances cognitivas, observando assim, a aptidão para desempenhar determinada atividade ou conjunto de tarefas. O autor pontua que, historicamente a expressão testagem psicológica é utilizada para referenciar a avaliação, porém a testagem é apenas uma das atividades que pode ou não ser realizada durante o processo.

A Avaliação Psicológica com o objetivo de possuir ou portar uma arma de fogo é considerada uma avaliação compulsória normativa, pois, tem carácter obrigatório (CFP, 2022, P.42). A avaliação visa basear-se em aspectos cognitivos para avaliar características psicológicas de um indivíduo. A cartilha também pontua que, conforme a Instrução Normativa nº 78/2014, em vigência, da Polícia Federal, as(os) psicólogas(os) responsáveis pela avaliação dos proprietários de armas e dos vigilantes precisam ser credenciados para atuarem nessa prática.

Apesar de não se fazer necessário que os profissionais da psicologia tenham especialização para realizar uma Avaliação Psicológica, é imprescindível que tomem consciência dos impactos que um processo avaliativo no sujeito e na sociedade. Portanto as decisões necessitam ser baseadas nos preceitos éticos e tecnicamente embasadas, fazendo-se necessário um conhecimento profundo da psicometria e avaliação psicológica.

PRÁTICAS EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

A clínica Desenvolva - Psicologia e Saúde, é uma instituição particular e um dos seus serviços visa averiguar funções cognitivas e aptidão de pessoas para o porte e posse de armas de fogo. A clínica funciona de segunda à sexta-feira, atualmente gerenciada por um psicólogo, o mesmo é responsável pela realização das entrevistas, aplicação dos testes, emissão de laudos e parecer. O público alvo são pessoas acima de 22 anos, que desejam ter o porte e/ou posse de armas de fogo, seja por conta de sua profissão ou por questões pessoais.

O estágio se deu por meio de observação participante e atuação supervisionada no contexto da aplicação de testes psicológicos, visando a inserção dos alunos no contexto e nas funções delegadas aos psicólogos no campo da Avaliação Psicológica. O Estágio Básico IV, foi realizado no período de 18 de março de 2024 à 05 de junho de 2024, a carga horária foi de 40 horas, sendo 30 horas práticas em campo e 10 horas de orientação em sala de aula. O supervisor de campo e orientador de estágio foi o Professor Me. Jakson Luis Galdino Dourado.

Durante a prática, as estagiárias tiveram a oportunidade de se envolver em todas as etapas do processo de avaliação psicológica. Começando pela organização da clínica, elas garantiram que o ambiente fosse acolhedor e adequado para receber os participantes. Isso incluiu preparar salas de aplicação dos testes, garantindo que estivessem livres de distrações e confortáveis para os candidatos. A organização dos materiais de aplicação foi uma

responsabilidade importante. As estagiárias precisavam garantir que todos os testes estivessem prontos para uso, verificando se estavam completos e em boas condições.

Além da organização do espaço, outras práticas foram desenvolvidas durante o estágio, uma delas foi a entrevista. O processo de Avaliação Psicologia era aplicado de forma grupal. No entanto os candidatos foram inicialmente entrevistados de forma individual. A aplicação da entrevista estruturada fez parte da nossa prática diária, sendo um componente essencial que nos permitiu obter uma compreensão inicial dos participantes.

Durante a entrevista, foram explorados diversos aspectos fundamentais da vida e da personalidade dos indivíduos. Entre os principais aspectos avaliados, destacaram-se o histórico pessoal e familiar, onde foram feitas perguntas sobre a infância, relações familiares, eventos marcantes e a dinâmica familiar, ajudando a entender o contexto de desenvolvimento do indivíduo. O histórico educacional e profissional também foi explorado, incluindo a trajetória acadêmica, experiências de trabalho, conquistas e desafios enfrentados, o que proporcionou uma visão das competências e áreas de interesse do participante. Além disso, foram abordadas questões sobre a saúde física e mental, hábitos de vida, e a presença de possíveis sintomas ou diagnósticos médicos e psicológicos, permitindo uma avaliação da condição geral de saúde do indivíduo.

Outra prática presente no estágio foi a aplicação e correção de testes psicológicos. A prática incluiu a administração de diferentes testes psicológicos, tais como o Teste de Inteligência (Matriz de Inteligência - MIG); Testes de Atenção (ROTA-C e TEDIF-1); Teste de Memória (Tepic M2); Teste de Personalidade (Palográfico). Após alguns meses de observação e estudo dos testes, cada estagiária teve a oportunidade de conduzir uma aplicação com os candidatos. Esse processo envolveu desde o acolhimento dos participantes, passando pela entrevista, até a aplicação dos testes, tudo realizado sob a supervisão do preceptor.

Esse método permitiu que as estagiárias adquirissem experiência prática e habilidades essenciais na condução de avaliações psicológicas, garantindo que todo o processo fosse realizado de maneira profissional e eficiente. Após a conclusão das avaliações, as estagiárias foram responsáveis pela correção dos testes, seguindo procedimentos técnico para obtenção dos resultados. Elas trabalharam em colaboração com o preceptor, discutindo casos e recebendo orientações sobre a interpretação dos resultados.

Destacamos que no contexto específico da Avaliação Psicológica para porte e posse de armas de fogo, vivenciamos uma prática especializada e desafiadora, sendo uma

importante preparação para as nossas futuras carreiras na área da psicologia clínica e nas práticas de Avaliação Psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida no Estágio Básico IV, em Avaliação Psicológica foi antes de tudo, enriquecedora. Adentrar como profissional em formação no campo, possibilitou nosso encontro com a realidade da profissão, permitindo um contato com a prática profissional desenvolvida nessa importante área da Psicologia. A partir do que nos foi apresentado, colocamo-nos em um local de aprendizado e busca de novos conhecimentos.

O contato com os indivíduos que buscam a AP foi valioso. Cada interação nos permitiu aplicar na prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, além de desenvolver habilidades essenciais como empatia, escuta ativa e capacidade de análise crítica. Enfrentamos diversos desafios, como lidar com diferentes perfis de candidatos e suas respectivas necessidades, o que nos ensinou a adaptar nossas abordagens de acordo com cada situação.

Por fim, acreditamos que a experiência em estágio, foi de grande relevância para nossa formação. Consideramos que o estágio foi um elemento fundamental na construção de nossa trajetória e no fortalecimento de nossa competência para enfrentar os desafios futuros da profissão.

REFERÊNCIAS

- Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (2015). *Psicometria*. Artmed Editora
- Parpinelli, R. F., & Lunardelli, M. C. F. (2006). Avaliação psicológica em processos seletivos: contribuições da abordagem sistêmica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 23, 463-471; Urbina, S. (2014). *Fundamentos dos testes psicológicos*. John Wiley e Filhos;
- Noronha, A. P. P., Nunes, M. F. O., & Ambiel, R. A. M. (2007). Importância e domínios de avaliação psicológica: um estudo com alunos de Psicologia. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17, 231-244.
- RESENDE, M. A. (2017). Avaliação psicológica para concessão do porte de arma de fogo à população e policiais da PMMG. *Psycologia: Saúde Mental & Segurança Pública*, 3(6). <https://www.cnj.jus.br/resolucao-regulamenta-uso-e-porte-de-armas-de-fogo-por-policias-judiciais/>

Cartilha de Avaliação Psicológica- CFP, CRP-Brasília, 2022.

EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS NO SERVIÇO ESCOLA DE PSICOLOGIA

Analucia Cunha Alves

Aleksandra Barreto

Jani Cleide Aguiar Macedo dos Santos

Maria Cecília Vitorino Alves Florencio Moura

INTRODUÇÃO

A prática do estágio é essencial para ampliar os conhecimentos adquiridos durante a graduação em Psicologia. Este relato de experiência apresenta as ações e experiências vivenciadas no Serviço Escola de Psicologia (SEP) do UNIFIP-CG, na disciplina de Estágio Supervisionado Específico I, no período de 2024.1. O SEP oferece serviços que focam na prevenção, assistência, recuperação e reabilitação. Os usuários do serviço pagam uma tarifa social, além daqueles que são encaminhados por órgãos públicos, os quais são isentos do pagamento.

Dentre os serviços demandados pelos usuários, destacam-se, em sua prevalência, os atendimentos de psicoterapia voltados para crianças, adolescentes e adultos. Esta modalidade de atendimento fundamenta-se no respeito à individualidade de cada sujeito. Ademais, cabe ao psicólogo garantir o sigilo das informações e proteger a intimidade das pessoas, de acordo com o Código de Ética da profissão, em seu Art. 9º.

Os atendimentos psicológicos focam em tratar questões individuais relacionadas a sentimentos, história de vida, sonhos e desejos. A terapia psicológica também é primordial para oferecer recursos na compreensão e enfrentamento dessas questões, ajudando o indivíduo a lidar com problemas cotidianos e processos de doenças, finitude e luto.

Os atendimentos psicoterápicos fundamentaram-se teoricamente na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), uma abordagem que se concentra na modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais para promover o bem-estar (Beck, 1976; Ellis, 1962). A TCC surgiu na década de 1960 com os trabalhos de Aaron T. Beck e Albert Ellis. Beck desenvolveu a Terapia Cognitiva, focada na modificação de pensamentos distorcidos, enquanto Ellis criou a Terapia Racional Emotiva Comportamental (TREC), que desafia pensamentos irracionais (Beck, 1976; Ellis, 1962).

A TCC utiliza técnicas como reestruturação cognitiva, relaxamento, treinamento de habilidades e exposição gradual (National Institute of Mental Health, 2020). É eficaz para diversos transtornos mentais, incluindo depressão, ansiedade, TOC, TEPT, fobia social e

transtornos alimentares (Hofmann & Smits, 2008). A TCC também é usada na estimulação cognitiva no envelhecimento, promovendo a manutenção das habilidades cognitivas, a regulação emocional e a autonomia. Contribui para prevenir o declínio cognitivo e demências, ajudando na organização de rotinas, gerenciamento de medicamentos e promoção de habilidades sociais (Kolanowski, 2012; Salthouse, 2010; Willis & Schaie, 1990; Lachs & Beekman, 2001; Carstensen, 2012).

Na realização da psicoterapia infantil, as técnicas foram adaptadas à necessidade e nível de compreensão da criança. Por exemplo, segundo Johnson (2018), a terapia através do jogo foi uma das abordagens utilizadas para permitir que as crianças expressassem suas emoções e enfrentassem seus desafios de forma lúdica e simbólica. Além disso, técnicas como desenhos e contos, foram empregadas para explorar os conflitos internos das crianças de maneira criativa e metafórica (Smith, 2019), proporcionando um ambiente terapêutico seguro e acolhedor, conforme ressaltado por Garcia (2020).

Concomitantemente à prática de estágio, houve supervisões semanais em grupo e/ou individuais para discussão dos casos clínicos, promovendo aprendizado e compartilhamento de conhecimentos entre os pares. A supervisão foi orientada pela Professora Maria Cecília Moura, a partir de embasamento teórico-metodológico e experiência profissional. Essas supervisões permitiram esclarecer dúvidas e aprender o manejo clínico na prática do atendimento psicológico. Ademais, foram realizadas leituras e fichamento de textos, a fim de subsidiar a prática a partir de princípios técnicos da TCC e éticos da profissão.

Desta feita, a experiência de estágio no SEP permitiu às discentes a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, propiciando um ambiente, onde os alunos podem desenvolver e aprimorar habilidades essenciais para o exercício profissional da Psicologia.

REFERÊNCIAS

- Beck, A. T. (1976). Cognitive therapy and the emotional disorders. International Universities Press.
- Ellis, A. (1962). Reason and emotion in psychotherapy. Lyle Stuart
- Garcia, C. (2020). Ambiente terapêutico seguro para crianças: estratégias e considerações práticas. *Journal of Child Psychology*, 18(4), 321-335.
- Hofmann, S. G., & Smits, J. A. J. (2008). Cognitive-behavioral therapy for anxiety disorders: A comprehensive review and meta-analysis. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 15(1), 3-24.

National Institute of Mental Health (NIMH). (2020). Cognitive-behavioral therapy (CBT). <https://www.apa.org/ptsd-guideline/patients-and-families/cognitive-behavioral>

Kolanowski, A. M. (2012). Cognitive-behavioral therapy for older adults. Routledge. Salthouse, T. A. (2010). Cognitive aging: A primer. Psychology Press.

Willis, S. L., & Schaie, K. W. (1990). Intellectual abilities and aging. Psychology Press. Lachs, M. S., & Beekman, A. T. (2001). Geriatric psychiatry. McGraw-Hill.

Gatz, M., & Kramer, A. F. (2010). The cognitive neuroscience of aging. Oxford University Press

Carstensen, L. L. (2012). Socioemotional selectivity theory: A lifespan theory of human development. Psychology Press

Johnson, A. (2018). Terapia através do jogo: Uma abordagem para crianças. Revista de Psicologia Infantil, 25(3), 45-58.

Smith, B. (2019). Abordagem psicodinâmica no atendimento infantil: Desenhos e contos como ferramentas terapêuticas. Psicoterapia Criativa, 12(2), 112-125.

“FAMÍLIAS COM PROPÓSITO”: UM PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Ana Maria Silva Sobreira

Maria Tamires Fernandes dos Santos

INTRODUÇÃO

Desde outrora, o núcleo familiar foi e continua sendo tema de discussões e reflexões sobre como promover mais compromisso entre família e escola diante dos ideais pedagógicos trabalhados nos processos de ensino e aprendizagem em ambiente de sala de aula. É importante compreender, que o núcleo familiar é a primeira instituição educativa da criança e toda experiência construída nesse ambiente resultará em características ou sintomas que poderão trazer favorecimentos ou impedimentos nos quesitos de socialização, afetividade, valores, hábitos, costumes, e mais abrangentemente, aos processos psicológicos básicos que constituem o desenvolvimento humano, em específico, na relação do aluno com a aprendizagem sistemática.

Dentro dos espaços educativos, tanto a família como a escola externam preocupações quanto a não consolidação dos objetivos e metas preconizados pelas políticas públicas e Diretrizes Curriculares em Educação Nacional. Sobre o assunto, sabe-se que, segundo pesquisas científicas no campo da Psicologia, o espectro família contribui significativamente para a formação e o desenvolvimento do aluno, isto é, o apoio dos responsáveis diretos traz melhorias ao desempenho de fatores de aprendizagem dos alunos, em todas as faixas etárias, representando um diferencial em sua maioria.

Diante de tantos paradigmas singulares que acompanham a constituição do perfil familiar, levam ao entendimento de que não pode existir prática pedagógica com êxito, existindo ausência familiar ou na presença da autonomia e/ou empoderamento familiar sem orientações pedagógicas. Assim sendo, a temática: **Famílias com Propósito: Um processo de Ensino e Aprendizagem**, surgiu como estratégia de consolidação dessa compreensão. O projeto se constitui a partir do objetivo de auxiliar as famílias e a escola na compreensão do aluno diante dos fatores contemporâneos que os implicam em aprendizados para a vida, sensibilizando-os acerca dos reforços que trazem perspectivas positivas ou negativas ao perfil aluno, demonstrado nas conexões

de contextos: Familiar, escolar ou social.

Com esse propósito, foram levantados, em tópicos, algumas situações de conteúdo familiar para problematizar o pensamento acerca de quatro posturas existentes entre a família: pais negligentes; pais permissivos; pais autoritários e pais participativos, que precisam ser trabalhados em parceria com a escola com vistas a otimizar o processo de ensino e aprendizagem. A partir delas, foi pensada uma intervenção.

DESENVOLVIMENTO

A ação foi pensada para acontecer num espaço de serviço público, em específico, com familiares que têm filhos estudando na rede municipal de ensino de Lagoa Seca, considerado um território com celeiro de fragilidades no aspecto do envolvimento da família no processo de compreensão didática, o que reflete diretamente no processo de aprendizagem.

A ação teve como objetivo promover ações de formação, envolvendo distintas representações familiares, a vista de participarem de encontros, distribuídos em: oficinas, rodas de conversa e palestras sobre temas relevantes para a educação escolar, tratada de forma acolhedora e incentivadora da participação e envolvimento das famílias nas respectivas unidades de ensino escolar da Educação Básica.

Nos objetivos específicos, propusemo-nos a: promover palestras que visassem a reflexão sobre a importância da família e da escola na construção ao exercício de cidadania dos alunos/as; contribuir para a construção de materiais pedagógicos que valorizassem e versassem sobre a integração família e escola; despertar o interesse que potencializasse a participação da família na vida escolar dos alunos/as; organizar rodas de conversa para escuta sobre determinadas demandas de falas trazidas pelas famílias que pudessem potencializar ao modus operandi positivo ou negativo do processo educativo escolar dos/as alunos/as; realizar oficinas que valorizassem a aprendizagem ativa no construto de informações concretas que aproximem a memória afetiva da família e escola ao processo de ensino e aprendizagem; reconhecer que todos os pais/responsáveis, independente de renda, nível de educação e formação cultural, estão envolvidos no processo de aprendizagem sistemático de seus filhos e expressam desejos que eles tenham bom desempenho na escola; desenvolver habilidades nos familiares, para trabalhar com o processo de aprendizagem de seus filhos; trabalhar com as famílias para construir conexões sociais e políticas.

Tendo isso em vista, na propositura deste Estágio, foram desenvolvidos a os seguintes eixos temáticos:

1. Conhecer as características do grupo de pais que iria atender na temática. 2. Desenvolvimento Humano na Infância e Adolescência. 3. Relacionamento entre pais e filhos: Amor e limites. 4. Inteligências Múltiplas: Apoiar as metas e os sonhos dos filhos. 5. Morte também é assunto de criança. 6. Rotina familiar x rotina escolar. 7. Necessidades e desejos: Como atender as crianças e adolescentes. 8. Educação emocional e temas transversais. 9. Agressividade no ambiente familiar e escolar. 10. Culminância e encerramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o planejamento desta proposta de intervenção para o período de estágio, foi fundamental identificar, para cada objetivo de intervenção junto as famílias a partir do eixo temático, dialogado em cada encontro, a relevância dos determinantes como potencial a serem provocados, refletidos e como possibilidade de serem ressignificados.

No início da apresentação do projeto para alguns profissionais da Instituição, foram fomentadas muitas perspectivas: como seria a aceitação da família, quais as demandas de falas trazidas para cada encontro e qual seria o saldo construído ao longo dos encontros como resultado final. Nos primeiros encontros, as participações ocorreram de maneira leve, emocionante, acompanhadas de lágrimas e potentes revelações de conteúdo íntimo, que envolve a relação entre os cônjugues e acabava refletindo no comportamento e saúde mental dos filhos, com evidências a sofrerem prejuízos no construto de sua caminhada escolar.

Ao longo dos encontros, muitos depoimentos começaram a surgir, trazendo falas de que estavam se sentindo mais leves, compreendendo melhor o comportamento do filho, buscando enxergar mais suas qualidades do que defeitos, reorganizando a rotina a partir do que é necessário e não da idealização. Às pequenas mudanças trazidas entre as falas dos familiares, soma-se um saldo positivo nesta construção de propósito, que ao mesmo tempo, nos provoca a pensar que quando se fala em responsabilidade familiar na vida escolar do filho, permite reeducar o olhar e acreditar nas competências e habilidades de cada núcleo familiar.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, J. A., & Aquino, F. S. B. (2018). Psicologia escolar e relação família-escola: Um levantamento da literatura. *Psico-USF, Bragança Paulista*, 23(2).
- Amaral, G. L., & Breda, A. (2013). Relação entre família e a escola: Um estudo de caso em uma escola de educação infantil no município de São Francisco de Paula-RS. In *II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação*. PUCRS. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8851_4889.pdf. Acesso em: 27/04/2020.
- Bhering, E. (2003). Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental. *Contrapontos*, 3(3), 483-510.
- Bhering, E., & Siraj-Blatchford, I. (1999). A relação escola-pais: Um modelo de trocas e colaboração. *Cadernos de Pesquisa*, 106, 191-216.
- Biroli, F. (2014). *Família: Novos conceitos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (1999). *Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva.
- Brasil. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20/10/2020.
- Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. (2005). *Pesquisa nacional qualidade da educação: A escola pública na opinião dos pais: Resumo técnico executivo*. Brasília: Ministério da Educação.

GAMIFICAÇÃO COMO METODOLOGIA PARA PROMOÇÃO DA CULTURA DEPAZ NO AMBIENTE ESCOLAR

Ana Beatriz Rodrigues da Silva

Hianne Cristinne de Moraes Medeiros

Márcia Michelle Alves Souza

Miquéias Anthunes Soares dos Santos

Renata Cláudia Silva Santos de Araújo

Orientadora: Maria Tamires Fernandes dos Santos

INTRODUÇÃO

O componente curricular de Estágio Básico I – Psicologia Educacional e Desenvolvimento Humano, a partir de sua proposta teórico-prática, visa contribuir para a construção de um olhar crítico e contextualizado acerca das possibilidades de atuação do psicólogo nos diversos contextos educacionais (escola, abrigos e/ou casas de acolhimento) que envolvam o desenvolvimento humano.

Nesse sentido, as intervenções realizadas em uma escola da Rede Municipal de Ensino da cidade de Campina Grande, com alunos do Ensino Fundamental II, buscaram compreender e intervir na necessidade de promoção e prevenção das contingências aos processos de violência que surgem na Unidade Educacional, tendo como destaque os casos de *bullying*. Logo, as atividades puderam estimular acordos de convivência saudável no ambiente escolar; colaborar com o desenvolvimento de ferramentas inovadoras que auxiliem nas dinâmicas sobre a temática, por meio das metodologias ativas de aprendizagem, como, por exemplo, a gamificação, além de promover o desenvolvimento de habilidades para uma compreensão crítica sobre a violência na escola, desconstruindo construtos e restaurando valores socioeducativos (Guzzo Moreira & Mezzalira, 2011).

Desse modo, o estágio supervisionado também possibilitou ampliar as discussões acerca da atuação do psicólogo em contextos escolares, por meio de articulações teóricas e metodológicas que revelam a importância da Psicologia para a educação, as quais podem subsidiar práticas conscientes e intencionais que visem potencializar processos de desenvolvimento e aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

As metodologias ativas de aprendizagem e o seu uso surgiram como uma possibilidade de transformar a educação tradicional, onde os estudantes se mantêm passivos diante de informações recebidas, em educação ativa, na qual professores, psicólogos e demais profissionais que atuam nas Unidades Educacionais, podem se tornar mediadores do processo de ensino e os estudantes têm a oportunidade de aprender por meio de atividades mais atrativas, criativas e lúdicas. Assim, a escola, como um espaço promotor de desenvolvimento humano, necessita estimular a criatividade e o senso crítico de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, para que sejam capazes de desenvolver suas potencialidades e atuar de maneira ativa na sociedade (Andrada, Petroni, Jesus & Souza, 2018; Vygotsky, 2021).

De acordo com Oliveira (2019), a gamificação é considerada como uma alternativa para as atividades educacionais, por ser uma estratégia que pode ser sistematizada tanto no espaço virtual quanto fora dele: a partir de jogos de tabuleiro, cartas, etc. Constitui uma importante metodologia para o processo de aprendizagem, pois pode ser vista como uma estratégia instrucional que usa, de modo cuidadoso e criterioso, o *game-thinking* e os elementos apropriados da mecânica dos games para promover a motivação e o engajamento dos alunos em sua aprendizagem (Sturdart, 2022).

Neste contexto, ao se tratar de temas sensíveis, como violência, *bullying*, conflitos familiares, entre outros assuntos, a utilização destas ferramentas representa uma ótima maneira de promover o diálogo e a reflexão de forma dinâmica e descontraída, principalmente quando se considera o público escolar.

Nesse sentido, as intervenções realizadas em uma escola municipal de Campina Grande, foram divididas em dois momentos: no primeiro momento, a utilizou-se como recurso um jogo de tabuleiro intitulado “Vigilantes do *Bullying*”, onde os estudantes se dividiram em grupos de quatro e assumiram o papel de “vigilantes”, assim, ao percorrer as casas do jogo, os jogadores liam e debatiam mensagens educativas, como, por exemplo, “nunca escreva palavrões, xingue ou maltrate alguém pela internet ou por torpedos”, e “denuncie o *bullying*”. No jogo, o *bullying* era considerado como uma espécie de inimigo a ser derrotado e, conforme ia avançando, o participante recebia elogios por suas ações.

Já no segundo momento, foi realizada uma roda de conversa utilizando como

recurso um Baralho das Emoções (raiva, tristeza, alegria, medo, nojo), onde, após uma conversa psicoeducativa acerca dos tipos de violência, os estudantes utilizaram as ilustrações do baralho para relatar o que sabiam sobre as emoções.

O *bullying*, também chamado de intimidação sistemática, é definido como todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”, conforme definido pela Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Brasil, 2015).

O Diagnóstico Participativo da Violência nas Escolas, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO, em 2015, com apoio do Ministério da Educação, elucidou dados alarmantes, onde 69,7% dos estudantes declaram ter presenciado alguma situação de violência dentro da escola. A preocupação com o fenômeno fez com que o termo *bullying* fosse incluído também na Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar – PeNSE, de 2015. Nesse estudo, 7,4% dos estudantes informaram que já se sentiram ofendidos ou humilhados e 19,8% declararam que já praticaram alguma situação de intimidação, deboche ou ofensa contra algum de seus colegas. Em 2019, esses dados aumentaram para 23% os estudantes que sofreram algum tipo de humilhação pelos colegas nos últimos 30 dias. O percentual das meninas foi maior em (26,5%) superando o dos meninos (19,5%), bem como também revelou que 13,2% dos estudantes já se sentiram ameaçados, ofendidos ou humilhados nas redes sociais ou em aplicativos (Brasil, 2021).

Entender que esse tipo de violência tem crescido, principalmente no ambiente escolar, revela a necessidade de ações mais eficazes. Nesse sentido, a utilização dos games no âmbito educacional pode trazer soluções para graves problemas educacionais, tais como a diminuição da agressividade e a eliminação da violência e dos casos de *bullying*. Um conjunto de benefícios podem ser conquistados com a utilização da facilitação de desenvolvimento de atividades em grupo, recuperação do caráter saudável das atividades, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a promoção da cultura de paz. Assim, o game pode ser um aliado no processo educativo e da formação de crianças e adolescentes, pois ambientes com uma intensa exacerbação da violência limitam as possibilidades de aprendizado, bem como infringe o direito fundamental à educação (Rego, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente o quanto o *bullying* se manifesta como um fenômeno social relevante, principalmente numa realidade escolar com inúmeras vulnerabilidades, considerando a subjetividade dos estudantes, bem como aspectos culturais e econômicos. Nesse sentido buscamos atuar dentro da realidade investigada na própria escola, junto à psicóloga escolar.

Durante a intervenção, os estudantes se mostraram receptivos quanto as práticas, demonstrando interesse sobre o tema, principalmente as turmas do 7º e 9º anos. Após esta intervenção, constatou-se que a gamificação favorece a participação interativa dos estudantes, promovendo o diálogo, a reflexão, e a reciprocidade entre eles. Além disso, permite um ambiente mais acolhedor e dinâmico, possibilitando a desconstrução de construtos e estigmas decorrentes da violência, para o enfrentamento do *bullying*, a promoção da cultura de paz e a transformação da cultura institucional.

REFERÊNCIAS

- Andrada, P. C., Petroni, A. P., Jesus, J. S., & Souza, V. L. T. (2018). *A Dimensão Psicossocial na Formação do Psicólogo Escolar Crítico*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Brasil, *Lei n. 13.185, de 06 de novembro de 2015*. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm
- Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2021). *PeNSE 2019: uma em cada cinco escolares sofreu violência sexual*. Estatísticas Sociais. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>
- Guzzo, R. S. L., Moreira, A. P. G., & Mezzalana, A. S. C. (2011). Avaliação psicossocial: desafios para a prática profissional nos contextos educativos. *Avaliação Psicológica*, 2(10), 163-171. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000200007

- Oliveira, C. L. S. (2019). *Gamificação: uma proposta contemporânea para auxiliar o ensino da Eletrostática no Ensino Médio*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Piauí, PI, Brasil.
- Rego, T. C. (2014). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Studart, N. (2022). A gamificação como design institucional. *Revista Brasileira de Ensino de Física*. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/rbef/a/TFcKMNMYYWRRhBGNxNmHRn3v/abstract/?lang=pt>
- Vygotski, L. S. (2021). *Problemas da Defectologia*. São Paulo: Expressão Popular.

IMPLICAÇÕES DAS REDES SOCIAIS NA AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA DA MULHER: UM ESTUDO SOBRE OS PADRÕES DE BELEZA

Aline Dos Santos Barbosa

Jakson Luis Galdino Dourado

INTRODUÇÃO

A autoimagem e autoestima mantêm uma conexão direta com a saúde mental das mulheres. A maneira como percebem a si mesmas diante desses padrões, pode gerar tanto sentimentos e emoções positivas quanto negativas. Albuquerque e Tilio (2023) destacam que esses padrões estéticos impõem e instigam o anseio por uma constante busca pela conformidade a esses modelos.

Nesse contexto, indivíduos insatisfeitos com sua aparência podem vivenciar sofrimento psíquico ao se compararem com os padrões estabelecidos. As redes sociais constituem plataformas em que a maioria das mulheres são expostas a propagandas enganosas, intensificando o desejo pelo corpo considerado perfeito. Oliveira e Machado (2021) acrescentam que a não conformidade com os padrões estabelecidos, impacta nas interações sociais e tem um efeito considerável na autopercepção, resultando, em algumas situações, em desconforto e insatisfação.

Diariamente ocorre um bombardeamento de imagens que padronizam a beleza feminina, no entanto, a realidade dos corpos femininos é escondida através de *Photoshop* e *Facetune*, o que influencia significativamente na autoimagem das mulheres. Nesse sentido, o indivíduo tem a possibilidade de escolher imitar uma realidade inexistente, transformando assim o conteúdo de uma representação fotográfica da vida cotidiana, em um instante fabricado, para atender às necessidades dos padrões da persona virtual (Araújo, Andaló & Viera, 2023).

Com base nas considerações apresentadas, este trabalho tem como propósito compreender a relação entre a autoestima, os padrões de beleza e as redes sociais, explorando essa dinâmica sob a perspectiva da terapia cognitivo-comportamental, ou seja, pretende-se examinar se o impacto na autoestima das mulheres está diretamente relacionado à exposição de conteúdos compartilhados nas redes sociais, investigando se a disseminação de padrões de vida e corpos considerados perfeitos, influencia a autoimagem das usuárias da internet.

De acordo com Beck (2013), os pensamentos e emoções dos indivíduos se dão a partir de duas categorias de crenças, o qual chamou de crenças centrais e crenças nucleares. As crenças centrais naturalmente são desenvolvidas na infância e conceituadas em três categorias: desamor, desvalor e desamparo. Essas crenças, quando interpretadas de maneira negativa, têm o potencial de se fortalecer, resultando em uma baixa autoestima para o indivíduo. Assim, o estudo em questão, tem como foco entender as crenças relacionadas à imagem corporal e suas associações com o mundo virtual.

Cabe destacar que, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) concentra-se na análise dos pensamentos automáticos, assim como nas ideias que persistem de forma constante na mente das pessoas, podendo originar crenças sobre si mesmas. Essa abordagem fundamenta-se em estudos sobre emoções, comportamentos e fisiologia, todos influenciados diretamente pela interpretação que o indivíduo faz das situações que vivencia. Pesquisas têm evidenciado que terapeutas cognitivo-comportamentais vêm ampliando seu entendimento acerca de elementos que podem afetar a imagem corporal feminina (Lacerda & Assumpção, 2018).

Neste sentido, o estudo em questão pode contribuir para uma intervenção mais precisa e eficaz desses profissionais em relação aos fatores que influenciam a autoimagem feminina. Isso não apenas pode fortalecer a base teórica dos terapeutas cognitivo-comportamentais, mas também os capacita a desenvolver abordagens terapêuticas mais sensíveis às complexidades individuais das experiências das mulheres.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi conduzida por meio de um delineamento misto, integrando métodos quantitativos e qualitativos para a coleta e análise do material empírico. Essa abordagem abrangente, permitiu uma compreensão mais aprofundada do fenômeno das redes sociais e suas influências na autoestima das mulheres, incorporando tanto aspectos numéricos, quanto insights qualitativos. A combinação dessas técnicas proporcionou uma visão mais extensa e enriquecedora, contribuindo para uma análise mais completa e contextualizada dos dados obtidos.

O estudo envolveu a participação de 53 mulheres. Os critérios de inclusão estabeleceram que as mulheres deveriam ter mais de 18 anos, ter conta ativa na rede social *Instagram*. Foram excluídas do estudo as mulheres com idade inferior a 18 anos e aquelas que não faziam uso frequente da rede social *Instagram* e com pouco hábito de acesso, bem como homens que sinalizaram interesse em participar. A pesquisa foi

conduzida em duas fases. Na fase inicial, de natureza qualitativa, utilizou-se a técnica de questionário qualitativo com três questionamentos acerca dos padrões de beleza.

Na etapa quantitativa, as participantes colaboraram respondendo instrumentos autoaplicáveis. O primeiro deles, um Questionário de Perfil Sociodemográfico. Em seguida, responderam a Escala de Autoestima de Rosenberg - (EAR) (Rosenberg, 1965), indicada para a mensuração do nível de autoestima tanto em mulheres como em homens. E, por fim, preencheram a Escala de Silhuetade de Stunkard - (ESS) (Stunkard, Sorensen & Schlusinger, 1983), tem a finalidade de avaliar o tamanho corporal das pessoas e sua percepção da própria autoimagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa comprovou tanto pelo aspecto qualitativo quanto pelo quantitativo a confirmação dessa hipótese. As respostas obtidas na pesquisa qualitativa evidenciam o desenvolvimento de pensamentos automáticos negativos sobre a autoavaliação das participantes, um fator que evidencia o fortalecimento de crenças centrais negativas sobre si.

A partir disso, entende-se que a autoestima está voltada a fatores externos que influenciam de forma positiva ou negativa para que as pessoas consigam identificar o quanto têm de estima por si, ou seja, o quanto gostam de si. Frente a isso, a autoestima é um importante fator para o qual a área de psicologia necessita de mais estudos, principalmente voltados à teoria de Beck das crenças centrais da terapia cognitivo-comportamental, a partir da compreensão dos pensamentos automáticos.

No campo da psicologia, a ênfase na autoestima ainda é pouco estudada, e existem poucas teorias voltadas para essa temática, especialmente em pesquisas quantitativas relacionadas à terapia cognitivo-comportamental. Dessa forma, há diversas pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir desse nicho, tais como: a avaliação da ansiedade e depressão frente aos padrões estabelecidos nas redes sociais; a satisfação da autoestima em mulheres que já realizaram procedimentos estéticos; entre outros projetos que podem ser explorados dentro da área da psicologia.

O estudo proporcionou diversas contribuições para uma compreensão mais aprofundada da autoestima, apresentando dados quantitativos que contribuem para a validação e aprimoramento da compreensão dessa temática, especialmente focada nas mulheres que utilizam redes sociais.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, L. S., & Tilio, R. (2023). Revisão integrativa: mídias sociais e autoimagem de homens e mulheres. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 31(2), 169-179.
- Araujo, A. S. S., Andaló, F., & Vieira, M. L. H. (2023). Entre simulação e emulação: Filtros de mídias sociais e sua influência da percepção da realidade e autoimagem. *ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, 22(1).
- Beck, J. S. (2013). ***Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática***. Porto Alegre: Artmed.
- Lacerda, M. R. P., & Assumpção, A. A. (2018). Tratamento cognitivo-comportamental para mulheres com a imagem corporal distorcida pela depressão. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 153-171.
- Oliveira, M. R. D., & Machado, J. S. D. A. (2021). O insustentável peso da autoimagem: (re) apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2663-2672.

INFLUÊNCIA SOCIAL E OBEDIÊNCIA EM INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS: RELATO DE OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES

Aline Silva Penedo
Camila Bezerra Da Silva
Francicléia Lopes Silva

INTRODUÇÃO

A religião pode ser entendida como um tipo de ideologia que possui normas e condutas práticas, estabelecendo interdependência entre valores sociais baseando-se na disciplina, ordem e hierarquia (Pinheiro & Tonini, 1992). Sendo as instituições religiosas consideradas um elo, entre a influência e a legitimação do poder das autoridades, tornando-se possível vê-las como um influenciador diferencial do sistema de crenças e valores (Pinheiro & Tonini, 1992), através delas, pode-se entender um pouco de que maneira as normas e valores são institucionalizados e mantidos, e como a convivência como uma figura de autoridade e com um grupo já adepto aquelas condutas, podem influenciar o comportamento das pessoas.

Assim, pode-se admitir que a igreja, instituição de reproduções religiosas, pode ser um ambiente de produção e reprodução de influências sociais que endossam a obediência a autoridade. Admitindo que a influência social, bem como a obediência a autoridade, são paradigmas teóricos dentro do campo da psicologia social, disciplina indispensável para a formação do psicólogo (Calais & Pacheco, 2001), esse trabalho buscou investigar a existência desses fenômenos em uma instituição religiosa, como parte de desenvolver habilidades de identificação de processos psicossociais, habilidade indispensável na formação do psicólogo.

DESENVOLVIMENTO

A Influência Social refere-se ao processo pelo qual as pessoas são afetadas pelas ações, crenças e atitudes dos outros ao seu redor (Torres & Neiva, 2011). Nesse sentido, podemos citar o fenômeno da "obediência", conceituado por Levy e colaboradores (1998) como um tipo de influência, na qual a pessoa se comporta coerentemente com a posição do influenciador, obedecendo prontamente seus comandos (Torres & Neiva, 2011). O trabalho de Milgram (1963, 1965, 1992) sobre obediência é um clássico exemplo. Milgram (1963) observou a obediência como um fenômeno básico na estrutura da vida em sociedade, pois todo contexto de vida em sociedade tem um sistema de autoridade.

Para investigar esses processos em uma instituição religiosa, o presente estudo se apropriou de uma metodologia participativa, adotando a observação participante como uma estratégia de coleta de dados (Neiva, 2010; Páges, 1976).

Método

Delineamento

Trata-se de uma pesquisa qualitativa.

Participantes

Participaram da pesquisa membros de uma congregação, com aproximadamente 67 pessoas, sendo a maioria adultos do sexo feminino. Dentre esses participantes, dois eram líderes: sendo um pastor, do sexo masculino, 51 anos; e uma pastora, do sexo feminino, com 49 anos, ambos de classe média-baixa. Enfatiza-se também um grupo principal que faz parte da banda da igreja, composto por cinco participantes, sendo três do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades entre 22 e 35 anos.

Instrumentos

Para a realização da pesquisa contou com um protocolo de observação, com os seguintes itens: descrição dos sujeitos, ambiente físico e social, e diagrama; os quais foram registrados em um diário de campo.

Procedimentos

A observação ocorreu em uma igreja da cidade de Assunção na Paraíba. Inicialmente, contatou-se a líder do grupo, a pastora, afim de solicitar autorização para realização do estudo, após seu consentimento, foram realizadas quatro visitas ao grupo, com duração de aproximadamente 60 minutos.

Resultados e Discussões

Durante as atividades registradas, foi possível perceber os fenômenos de influência social e obediência durante as reuniões do grupo. Segundo a teoria de Milgram (1963), a influência age de modo a modificar as percepções do indivíduo em diferentes aspectos, incluindo crenças e valores (Torres et al., 2023). Além disso, a influência de uma figura de poder, junto ao grupo, pode fazer com que a pessoa abdique das próprias iniciativas, restringindo suas ações e apenas se submetendo à autoridade, sem questionar suas ordenanças (Freire & Neto, 1988).

Segundo Torres et. al. (2023), essa convivência pode gerar influência e conformidade no sentido de aceitação total dos discursos e comportamentos do grupo, sem que se tenha uma reflexão própria do porquê da reprodução dos atos, apontando para

uma aderência completa – por vezes cega – dos conceitos propagados pela figura de poder.

Além disso, a convivência frequente com essa figura de autoridade faz com que as pessoas repitam ações e falas que por vezes não são pensadas pelo indivíduo, mas controladas pela figura do líder e as ações daqueles que já são liderados, podendo gerar ações impensadas pautadas apenas na repetição de atos propagados pela figura de poder e pelos liderados (Torres et al., 2023). Esse aspecto ficou evidente nas observações realizadas neste estudo, nos momentos os quais as próprias observadoras acabavam repetindo os comportamentos da congregação: “No momento da ‘Blitz do Abraço’ nos levantamos e abraçamos os demais, conforme o restante do grupo” (Observadora 1).

Segundo Freire & Neto (1988), quando o indivíduo participa de um sistema de autoridade, ele passa a não atuar mais com seus princípios e valores, mas passa a considerar-se um agente que reproduz os desejos e ideologias da figura de liderança, alterando seu comportamento e funcionamento interno.

Um exemplo dessa obediência foi percebido quando o pastor, líder do grupo, dava comandos aos membros da congregação: “levantem suas mãos”, “fechem seus olhos”, “repitam esta frase[...]” (Observadora 1).

Ainda dentro das dinâmicas do grupo, havia um momento chamado “Blitz do Abraço”, que consistia no ato das pessoas saíam dos seus lugares e abraçavam umas às outras (Observadora 2). Esse comando era dado pelo grupo de músicos. A grande maioria das pessoas, levantava e abraçava os demais.

Torres et al. (2023) destacam que essa conformidade está ligada a fatores como a concordância com figuras de liderança sociais consideradas “irrepreensíveis” ou “corretas”, embora elas possam errar; e à própria convivência em grupo. Nesse caso, os indivíduos não se questionam o porquê de repetir os atos propostos, apenas seguiam os comandos, demonstrando que já estavam habituados a repeti-los, consciente ou inconscientemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo conclui que os fenômenos de influência social e obediência à autoridade estão presentes nas atividades da instituição religiosa analisada. Entender esses fenômenos é crucial, pois a influência social pode alterar a percepção individual sobre diversos conceitos, incluindo crenças e valores, devido à convivência com o grupo, a figura de autoridade, e as normas e valores promovidos. Isso pode levar a

questionamentos e possíveis mudanças no comportamento e nos conceitos de certo e errado dos indivíduos (Torres et. al. 2023).

No entanto, o estudo apresenta limitações, como a falta de generalização dos resultados para outras amostras, restringindo as conclusões ao grupo estudado. Apesar disso, a pesquisa foi fundamental para desenvolver a percepção dos processos psicossociológicos e facilitou o desenvolvimento de habilidades, como a identificação de teorias da psicologia social no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- Calais, S. L., & Pacheco, E. M. C. (2001). Formação de psicólogos: Análise curricular. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(1), 11-18. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572001000100002>
- Freire. T. & Neto F. (1988). Obediência: abordagem da psicologia social experimental.
- Neiva, K. M. C., (2010). Aspectos teóricos e metodológicos da intervenção psicossocial. In. *Intervenção Psicossocial: Aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas*, p.13-17. Vetor.
- Pinheiro, L.F., & Tonini, E. (1992). *A religião no processo de dominação social: Entre trabalhadores temporários e pequenos produtores*.
- Santos, W. S., Guerra, V. M., Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Souza, L. E. C. (2012). A Influência dos Valores Humanos no Compromisso Religioso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 285-292. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300004>.
- Torres, A. R., Lima, M. E. O., Techio, E. M., Camilo, L., & Gouveia, R. (Eds). (2023). *Influência Social*. In. Gouveia. R. (Ed), *Psicologia Social: Temas e Teorias*, 3a ed. Edgard Blücher Ltda
- Torres, C. V., & Neiva, E. R., (Eds). (2011). *Psicologia social: Principais temas e vertentes*. Artmed.

INTEGRALIDADE DA CRIANÇA COM TEA NA CASA DA CRIANÇA DR. JOÃO MOURA

Anne Beatriz Santos Lima

Anuska Érika Pereira Bezerra

Márcia Michelle Alves Souza

Miquéias Anthunes Soares Dos Santos

Pammella Lyenne Barbosa De Carvalho

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento infantil, apresentando características como dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que aproximadamente 1 em cada 36 crianças tenham TEA. Ao abordar a integralidade da criança com TEA, é fundamental considerar os aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos envolvidos em seu desenvolvimento (Silva & Garcez, 2019).

O papel da psicologia é primordial para dar esse suporte total ao aprendiz, que possa ser de fato realizado através de políticas públicas, clínica ampliada e suporte psicológico não apenas para o indivíduo com TEA, mas sua rede de apoio também. Haja vista que a integralidade está relacionada à valorização e ao respeito pelas suas habilidades únicas, reconhecendo sua individualidade e suas potencialidades. O psicólogo pode atuar em diversas frentes para garantir o bem-estar dessas crianças, suas famílias e comunidade em geral. Em relação às crianças com TEA, o psicólogo pode oferecer suporte emocional e intervenções terapêuticas adequadas às necessidades específicas cada indivíduo. Isso inclui avaliação diagnóstica, orientação, estimulação cognitiva e comportamental, desenvolvimento de habilidades soc e emocionais, entre outras abordagens terapêuticas baseadas em evidências (Souza et al, 2204).

Este resumo teve por objetivo relatar a experiência vivenciada na disciplina de extensão: Promoção da saúde e Prevenção de doenças, na qual buscou-se integralizar as ações e necessidades das crianças autistas e suas relações com os educadores na Casa da Criança Dr. João Moura. Especificamente, identificando os principais desafios encontrados pelos professores no processo educativo de crianças com TEA, com foco nas necessidades educacionais desses alunos.

DESENVOLVIMENTO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por alterações em três grandes áreas: comunicação, interação social e comportamento. Nesse sentido, existe um desenvolvimento atípico com especificidades nas manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. As identificações precoces de sinais iniciais de alterações no desenvolvimento são de extrema importância para o diagnóstico e acompanhamento da pessoa com TEA, pois favorece uma intervenção mais eficiente e eficaz. (American Psychiatric Association, 2013).

A aprendizagem constitui em um processo bastante específico e individual, ou seja, é único, e para as crianças com TEA ainda mais, pois a forma como percebem o mundo à sua volta é mais intensa e cheia de especificidades, afetando a comunicação e a socialização. Ademais, sabemos que a construção da aprendizagem também se constitui através do afeto, é preciso considerar a necessidade de construção de vínculos, a partir de uma linguagem que alcance as crianças, e nesse aspecto as emoções são as primeiras manifestações da linguagem de uma criança (Piletti & Rossato, 2021).

Uma das ferramentas para usar dentro de diversos espaços com a perspectiva de dinamizar as interações trazer uma formação de vínculo durante a realização da atividade é o Círculo de paz onde é realizado a construção de um círculo de paz que é uma prática de meditação e atenção plena, promover exercícios e conceitos derivados da fonte de poder, um programa de conscientização, competências para adolescentes e adultos jovens em situação de vulnerabilidade. As práticas centrais ensinadas dentro deste programa de estudos são os blocos essenciais da construção para criar relacionamentos saudáveis e são benéficos, tanto para jovens como para adultos. Estas práticas são facilmente aprendidas e facilmente ensinadas. Os círculos podem ser adaptados para uso dentro da sala de aula, em casa, em conferências de família, encontros de equipes de trabalho, ou onde quer que esteja ocorrendo uma programação para gerar uma partilha de saberes e experiências entre os participantes e fortalecendo o vínculo (Watson & Prains, 2011).

Seguindo o parâmetro de integralidade, é importante ressaltar os cuidados de crianças com TEA. A integralidade nos cuidados da criança com TEA exige um acompanhamento de uma equipe multiprofissional desde o diagnóstico até a intervenção, respeitando a individualidade de cada paciente e o tratamento consiste no

uso de fármacos, mas também no desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e de interação social com intuito de criar maior autonomia e proporcionar essa totalidade de atendimento de maneira integral, não apenas nas escolas, mas em tudo que indivíduo com TEA nos faz enxergar e com isso, iremos favorecer seu desempenho, social, comunicativo, escolar trazendo esse feito também a sua família que faz parte desse processo de integralização (Nunes & Schmidt, 2019).

A metodologia para esta ação se deu através de 1) Encontros de capacitação dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças; 2) Cartilha de orientação de como se portar com as crianças com TEA; 3) Apresentação de materiais como recursos eficientes para melhor aproveitamento da criança em ambiente escolar; 4) Encontros de ciclo de paz aos profissionais e pais/responsáveis das crianças.

Foram realizados três encontros: 1) Círculo de paz com as professoras na perspectiva de identificar a em detrimento das demandas que elas tinham com os alunos com TEA dentro da instituição; 2) Uma capacitação com as docentes abordando sobre o TEA e as atividades que podem ser atribuídas; 3) Reunião com os pais de filhos com TEA e professoras do instituto, para abordar atividade, cuidados e condutas com as crianças.

CONCLUSÃO

No aspecto social da integralidade da criança com TEA, é essencial criar oportunidades para interações positivas entre ela e seus pares e os educadores. Incluir atividades cooperativas em ambientes estruturados pode ajudá-las a desenvolver habilidades sociais como compartilhar brinquedos ou trabalhar em grupo.

Além disso, considerando a dimensão física dessa integralidade da pessoa autista, o estímulo à prática regular de atividades compartilhadas pode favorecer tanto sua saúde quanto seu bem-estar geral. É importante garantir adaptações adequadas nas atividades esportivas para atender às necessidades individuais dessas crianças.

Através das atividades de extensão, os estudantes têm a oportunidade de trabalhar em equipes disciplinares, que incluem psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e outros profissionais. Essa colaboração ajuda a ampliar o conhecimento e a buscar soluções mais efetivas para o atendimento das necessidades específicas dessas crianças.

Além disso, a atividade de extensão contribuiu para a sensibilização dos

estudantes em relação à inclusão social das crianças com autismo em ambiente institucional, na busca promover uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.

Destarte, a abordagem da integralidade da criança com Transtorno do Espectro Autista exige olhar além dos desafios comportamentais associados ao diagnóstico e podemos aprender a valorizar suas habilidades únicas, reconhecendo sua individualidade com respeito, e assim proporcionarmos um ambiente inclusivo capaz de promover seu pleno desenvolvimento acadêmico, social e emocional.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>

Nunes, D. R. P., & Schmidt, C. (2019). Special education and autism: From evidence-based practices to school. *Cadernos de Pesquisa*, 49(173), 84–103. <https://doi.org/10.1590/198053145494>

Piletti, N., & Rossato, S. M. (2024). *Psicologia da aprendizagem*. Editora Contexto.

Prefeitura Municipal de Vila Velha: Home. (n.d.). [Www.vilavelha.es.gov.br](http://www.vilavelha.es.gov.br). Retrieved May 23, 2024, from [https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/cursos/Content/material/No%20cora%C3%A7%C3%A3o%20da%20esperan%C3%A7a%20-20Pr%C3%A1ticas%20circulares%20Kay%20Pranis%20\(1\).pdf](https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/cursos/Content/material/No%20cora%C3%A7%C3%A3o%20da%20esperan%C3%A7a%20-20Pr%C3%A1ticas%20circulares%20Kay%20Pranis%20(1).pdf) Qual é a causa do autismo? (2023, April 6). Instituto Singular. Retrieved April 19, 2024

Secretaria da Saúde. (n.d.). Transtorno do Espectro Autista (TEA). Retrieved May 23, 2024, from <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=>. Recuperado em 19/04/2024.

Souza, J. C., Fraga, L. L., Oliveira, M. R. de, Buchara, M. dos S., Straliotho, N. C., Rosário, S. P. do, & Rezende, T. M. (2004). Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 24–31. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200004&lng=pt&tlng=pt

MATERNIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ATUALIDADE

Bruna Deisielly Ferreira Rodrigues Moraes

Camila Rodrigues Silva Santos

Denílson Almeida da Silva

Maria Gabryella Barbosa da Cruz

Hildaíres Araújo Ribeiro

Mariana Macedo Leite

Naire Leandro Tenório de Oliveira Júnior

Rebeka Renally Nunes de Almeida

Orientador(a): Ma. Anna Karenyna Guedes de Moraes Lima

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a maternidade desempenha um papel fundamental na sociedade, pois envolve a criação e o cuidado dos filhos. Nesse contexto, maternar na sociedade contemporânea é um desafio complexo, pois as mães enfrentam uma série de demandas e expectativas. Uma das principais questões que as mães enfrentam é a conciliação entre maternidade e carreira, que buscam manter uma vida profissional enquanto criam seus filhos, enfrentando o desafio de conciliar horários, lidar com a pressão do mercado de trabalho e encontrar apoio adequado para o cuidado dos filhos.

Além disso, a maternidade também está ligada a uma série de expectativas sociais e culturais. As mães são frequentemente vistas como as principais responsáveis pelo bem-estar emocional e físico dos filhos, sendo cobradas por um padrão de maternidade ideal. Essas expectativas podem gerar pressão e culpa, levando as mães a se questionarem constantemente sobre suas escolhas e desempenho.

Todavia, é importante reconhecer que a maternidade também traz uma série de recompensas e satisfações. Der mãe é uma experiência profunda e transformadora, que envolve um amor incondicional e a oportunidade de influenciar positivamente a vida de outra pessoa. As mães têm a capacidade de transmitir valores, conhecimentos e afeto aos seus filhos, contribuindo para o seu desenvolvimento saudável e formação como cidadãos responsáveis.

Diante disso, este projeto de pesquisa busca identificar as implicações da maternidade para a mulher que trabalha, de modo a descrever a experiência da volta ao trabalho após a licença maternidade, compreender a importância da rede de apoio e

analisar os sentidos e significados da maternidade e do trabalho para essas mulheres que residem na cidade de Campina Grande-PB.

Palavra-chave: maternidade; trabalho; atualidade

MATERNIDADE E SEU PERCURSO HISTÓRICO

A mulher, desde os primórdios da humanidade, ocupou um lugar de subordinação ao homem, a partir de uma explicação que se remetia a capacidade biológica de reprodução da espécie. E não somente isso, a mulher ocupava um lugar de fragilidade e incapacidade enquanto chefe de família, e isso a tornava impossibilitada de falar e de agir, pois o lugar de poder e autoridade estava nas mãos do homem. Diante disso “o papel da mulher durante séculos e em diversas sociedades foi o de não mais que uma doméstica” (Bastos et al. 2016, p.190),

Assim, à evolução do papel da mulher na sociedade brasileira reflete uma transição significativa de uma estrutura patriarcal, para a consolidação de direitos fundamentais advindos da Constituição federal de 1988. Se antes as mulheres eram responsáveis pelo cuidado da família e da casa e os homens cabia o sustento do lar, com a conquista de direitos e deveres, a luta das mulheres expandiu um novo lugar para a história: a busca por direitos igualitários, que possam romper com as desigualdades de gênero.

Nesse sentido a diversidade de papéis e contribuições das mulheres na sociedade estão sendo cada vez mais reconhecidas, refletindo uma mudança positiva em direção a uma compreensão mais ampla e inclusiva do papel das mulheres. Essas transformações são parte de um movimento mais amplo em direção à igualdade de gênero e ao rompimento de estereótipos tradicionais (Borsa & Feil, 2008, p.4.).

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Estima-se que a maternidade apresenta impactos significantes na vida de uma mulher. Quando a mãe tem vínculo empregatício outros sentimentos podem surgir junto com a maternidade, principalmente no momento de retorno ao trabalho principalmente pelas mudanças na sua rotina causando muitas vezes na mulher sofrimento, angústia, ansiedade e medo.

A pesquisa será de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, com o objetivo de esclarecer, aprofundar e compreender sobre o tema proposto. Com o intuito de analisar as implicações do trabalho para a mulher que trabalha, será elaborado um roteiro para a

realização de entrevista individual semiestruturada, voltada para uma abordagem qualitativa, com dez mães que voltaram a trabalhar após o final da licença maternidade e que são residentes da cidade de Campina Grande-PB.

Enquanto critérios de inclusão será necessário possuir idade entre 18 e 65 anos; ter voltado a trabalhar ao fim da licença maternidade; mães que tem filhos até 3 anos de idade; mães que trabalham na modalidade CLT; estar empregada em um emprego formal desde antes da gestação, e continuar no mesmo emprego após ela.

Já acerca dos critérios de exclusão será preciso não ter voltado a trabalhar ao fim da licença maternidade; Mães que trabalhem de forma autônoma; Mães que tem filhos maiores de três anos de idade; Não estar empregada em um emprego formal desde antes da gestação, e continuar no mesmo emprego após ela. Neste momento, estamos em processo de coleta de dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o ato de maternar, como nos mostra a História, por muito tempo, esteve a serviço de uma explicação biológica que oprimia a mulher, e permitia ao homem um lugar de soberania e poder. E a mulher, seria esse outro, frágil, incapaz, vulnerável, que estava a serviço do homem para procriar, cuidar, limpar e arrumar, mas nunca, era um lugar de independência e espaço de escolha, mas de dominação e discriminação. E hoje, com os avanços da história, a mulher sonha em ocupar um lugar de autonomia, no qual o ato de maternar não seja algo imposto, mas um lugar de decisão.

Nesse sentido, espera-se que os resultados dessa pesquisa consigam identificar as implicações da maternidade para a mulher que trabalha e que sentidos e significados esse momento gera na vida da mulher, visando garantir o acolhimento e o respeito, para que a partir disso, seja coletado dados e reflexões a respeito do tema estudado, evidenciando o compartilhamento das vivências dos participantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bastos, A., Neves, A., Rossarola, L., Abbud, M., & Brandão, M. (2016). *As Conquistas Das Mulheres Na Sociedade Patriarcal*. Jornal eletrônico Faculdades Integradas Vianna Júnior, VIII edição especial, 187-212.

- Borsa, J. C., & Feil, C. F. (2008). O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. *O portal dos Psicólogos*, 185, 1-12.
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>.
- Castro, A., Estrela, M. J., & Machado, S. M. (2018). *O “Ser Mãe”: Representações Sociais do Papel Materno de Gestantes e Puérperas*. Online. *Revista de Psicologia*, 12 (42), 569-578.
- Fabbro, M. R. C.; & Heloani, J. R. M. (2010). *Mulher, maternidade e trabalho acadêmico*. *Investigación y Educación en Enfermería*, Medellín, 28(2), 176-186.
- Iaconelli, V. (2023). *Manifesto Antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. 1ªED. (2023). Rio de Janeiro: Zahar.
- Krause, L. (2015). *Mulher, trabalho e maternidade: demandas no retorno da licença-maternidade*. (Doctoral dissertation, Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Mulher, Criança e Adolescente) - Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comportamento, Pelotas.
- Nascimento, G. A. F., & Bôas, R. V. V. (2016). *Proteção da Mulher: Direito Individual e Social à Igualdade de Condições no Mercado de Trabalho e ao Direito à Maternidade*. *Conpedi Law Review*, 1(6), 156–172.
https://doi.org/10.26668/2448-3931_conpedilawreview/2015.v1i6.3459.
- Pitanguy, J. (2008). As mulheres e a Constituição de 1988. *CEPIA*.
<http://cepia.org.br/wpcontent/uploads/2017/11/nov089.pdf>.
- Rapoport A., A., & Piccinini, C. A. (2006). *Apoio social e experiência da maternidade*. *Journal of Human Growth and Development*, 16(1), 85.
<https://doi.org/10.7322/jhgd.19783>

O PAPEL DO PSICÓLOGO NA MATERNIDADE: IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO

José Anderson Gomes Adilson

Vitória Ana dos Anjos Couto

Vitória Beatriz Costa Silva

Gustavo Chaves Afonso Vigolvino Borba

Pammella Lyenne Barbosa de Carvalho

INTRODUÇÃO

Durante a gravidez, as mulheres experimentam uma série de mudanças físicas e emocionais significativas, enquanto também enfrentam ajustes sociais para se prepararem para a maternidade. Essa fase envolve não apenas adaptações às novas responsabilidades, mas também a incorporação de expectativas culturais e sociais sobre o papel de mãe. É um período de transição que demanda apoio e compreensão, tanto do ambiente quanto da própria mulher, enquanto ela se prepara para essa nova fase da vida (Smith, 2010).

A gestação, embora seja um momento de felicidade e expectativa, também pode gerar ansiedade, medo e incertezas, e é crucial reconhecer que nem todas experienciam esses momentos como puramente positivos. O psicólogo atua como um confidente, acolhendo essas emoções e oferecendo apoio de preparação para o parto e puerpério, esclarecendo dúvidas, desmistificando mitos e criando expectativas realistas sobre o parto e o pós-parto, essa atuação contribui para reduzir a ansiedade e fortalecer a mulher para os desafios que virão.

A formação do acadêmico de psicologia passa pelo aprofundamento das questões relacionadas à atuação destes nos equipamentos de saúde, bem como da reflexão crítica acerca do compromisso do psicólogo com a saúde pública na perspectiva coletiva e os serviços e modos de atuação do psicólogo na rede e nos equipamentos do SUS.

Neste trabalho, o objetivo principal é analisar e compreender mais profundamente o papel do psicólogo na maternidade, destacando a relevância do suporte emocional oferecido às mães, o impacto positivo no bem-estar emocional da mãe e do bebê, o fortalecimento do vínculo mãe-filho e as contribuições para o desenvolvimento infantil saudável e para a dinâmica familiar.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Dimenstein (2001) um psicólogo comprometido socialmente com sua prática é aquele que toma uma posição no processo em que estão envolvidos os diferentes agentes dos setores e equipamentos de saúde coletiva. Esse compromisso está caracterizado pelo distanciamento de uma prática curativa e assistencialista característicos do setor privado. Quando pensada a atuação do psicólogo no campo da saúde e seu compromisso social se apresenta o paradigma que envolve o fazer da ciência e da política.

Nesse sentido, o psicólogo é convocado a ampliar a sua atuação, indo do campo da ciência psicológica para o campo da política pública, isto é, a atuação do psicólogo nesse contexto não é reduzida a uma prática do *setting* da clínica, mas do seu envolvimento na reflexão, criação e aplicação da política pública de saúde que alcance o sujeito na sua ordem individual, social e coletiva, evidenciando dentro da ciência psicológica os fatores que envolvem o sujeito e afetam diretamente sua subjetividade e vida psíquica (Benevides, 2005).

Segundo as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) nos Serviços Hospitalares do SUS (2019) a prática na psicologia hospitalar está primordialmente ligada às situações de sofrimento que envolve os sujeitos em suas situações de crise e adoecimento.

As Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) nos Serviços Hospitalares do SUS (2019) apontam ainda para a relação existente entre o Hospital, a Crise e o Adoecimento. Assim o psicólogo no ambiente hospitalar deve observar os processos de hospitalização desses sujeitos e seus efeitos sobre os mesmos, seus acompanhantes e todos os agentes que compõem o contexto hospitalar, compreendendo o sujeito em si, em sua unidade e integralidade, sem separar a doença do sujeito em adoecimento.

De acordo com Simonetti (2004), a Psicologia Hospitalar compreende os aspectos psicológicos que permeiam o processo de adoecimento, transcendendo a mera busca por possíveis causas psicológicas da doença para uma visão holística que considera a subjetividade presente em todo e qualquer quadro clínico. Nesse sentido, a atuação do psicólogo no ambiente hospitalar não se limita apenas ao tratamento da doença, mas também à promoção da saúde e à humanização dos processos de trabalho e assistência.

A atuação do psicólogo da saúde abrange diversos contextos, incluindo o ambiente hospitalar, onde questões relacionadas à gravidez, parto e puerpério ganham destaque. A maternidade torna-se um espaço privilegiado para a atuação do psicólogo, diante das demandas emocionais e psicossociais vivenciadas pelas gestantes, parturientes, pais e rec(Schmidt; Gabarra; Gonçalves, 2011).

A gestação e o período pós-parto são momentos de intensas transformações físicas, emocionais e sociais para as mulheres, e é crucial reconhecer que nem todas experienciam esses momentos como puramente positivos. Pelo contrário, a literatura e a prática clínica revelam que muitas mulheres enfrentam um nível significativo de sofrimento durante esses períodos, incluindo sintomas físicos e psíquicos que podem impactar profundamente sua qualidade de vida (Santos, 2001).

Os transtornos mentais no período puerperal, incluindo a melancolia da maternidade (baby blues), a depressão pós-parto (DPP) e a psicose puerperal, são fenômenos comuns, mas muitas vezes negligenciados (Cantilino et al., 2010). Além disso, recentemente foram adicionados outros transtornos ansiosos, como ansiedade puerperal e distúrbio de pânico pós-parto, à lista de preocupações relacionadas à saúde mental durante o puerpério (Baptista et al., 2004; Cantilino et al., 2010).

A DPP, em particular, é um transtorno depressivo não psicótico que pode surgir nos primeiros doze meses após o parto e afeta uma parcela significativa das mulheres, com uma incidência que varia dependendo do contexto socioeconômico (Frizzo & Piccinini, 2005). Os sintomas são semelhantes aos da depressão em geral, incluindo tristeza prolongada, perda de autoestima e falta de motivação para a vida (Baptista et al., 2004).

Os fatores de risco para o desenvolvimento da DPP são diversos e incluem tanto aspectos psicossociais quanto eventos obstétricos adversos (Schmidt et al., 2005). Por outro lado, os fatores de proteção, como apoio social adequado e intervenções psicológicas no pré-natal, têm sido identificados como importantes na prevenção da DPP (Frizzo & Piccinini, 2005; Cantilino et al., 2010).

Nesse sentido, o pré-natal psicológico (PNP) surge como uma abordagem complementar ao pré-natal tradicional, focando na preparação emocional e psicológica das gestantes para os desafios da maternidade (Cabral et al., 2012). O PNP oferece um espaço seguro para que as gestantes expressem seus medos e ansiedades, além de fornecer informações e suporte emocional durante todo o processo gestacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o papel do psicólogo hospitalar é crucial na promoção da saúde mental e no apoio emocional dos pacientes em situações de crise e adoecimento. Ao transcender a mera busca por causas psicológicas da doença, o psicólogo adota uma abordagem holística, considerando a subjetividade presente em cada quadro clínico. Além disso, ao envolver-se na reflexão e aplicação da política pública de saúde, o psicólogo contribui para a melhoria dos serviços de saúde e para o bem-estar dos pacientes, abrangendo tanto o aspecto individual quanto o coletivo.

Diante das discussões apresentadas, nota-se a importância do psicólogo na maternidade, especialmente durante a gestação, o parto e o pós parto. Ao reconhecer que esses momentos podem ser acompanhados por uma gama de emoções complexas, incluindo ansiedade, medo e tristeza, o psicólogo assume um papel crucial como um apoio emocional e fonte de orientação, como a psicoeducação para as mães.

A atuação do psicólogo transcende os limites da clínica tradicional, estendendo-se ao ambiente hospitalar e promovendo a saúde mental às gestantes, parturientes, puérperas e suas famílias. Em que se trata a atuação do psicólogo no contexto da maternidade é possível compreender, a importância de sua atuação dadas as situações em que a mulher está inserida ocasionando a ela processos psicológicos diversos.

REFERÊNCIAS

- Benevides, R. (2005). A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces?. *Psicologia & Sociedade*, 17, 21-25.
- Baptista, M. N. et al. Depressão e gênero: porque as mulheres se deprimem mais que os homens? In: Baptista, N. (Org.). Suicídio e depressão: atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. p. 50-59.
- Dimenstein, M. (2001). O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em estudo*, 6, 57-63.
- Cabral, D. S. R et al. Grupo de pré-natal psicológico: avaliação de programa de intervenção junto a gestantes. Encontro: Revista de Psicologia, Valinhos, v. 15, n. 22, p. 53-76, 2012.
- Cantilino, A. et al. Postpartum psychiatric disorders. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São

Paulo, v. 7, n. 6, p. 278-284, 2010.

DO DOCUMENTO, C. D. E. (2019). Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) nos serviços hospitalares do SUS.

Frizzo, G. B.; Piccinini, C. A. Interação mãebebê em contexto de depressão materna: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 47-55, 2005.

Santos, M. F. S. Depressão após o parto. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2001.

Schmidt, E. B. et al. Depressão pós-parto: fatores de risco e repercussões no desenvolvimento infantil. *PsicoUSF*, Bragança Paulista, v. 10, n. 1, p. 61-68, 2005.

Schmidt, Beatriz; Gambarra, Letícia Macedo; Gonçalves, Jadete Rodrigues. Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 423-430, dec. 2011.

Smith, J. A. (2010). *Transformações na maternidade: Uma abordagem física, emocional e social*. São Paulo, SP: Editora Saúde e Vida.

Simonetti, A. (2004). *Manual de psicologia hospitalar*. Casa do psicólogo.

PRÁTICAS DE ESTÁGIO BÁSICO EM PROCESSOS CLÍNICOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adriano Dantas Motta Filho
Carlos Henrique Moreira de Almeida
Claudete Dantas Cunha
Denilson Almeida da Silva
Hully Mangueira Rodrigues
Lais Vitória Barros Alves
Mariana Macedo Leite
Rebeka Renally Nunes de Almeida
Odilon José Teixeira Neves
Orientador: Thiago Silva Fernandes.

INTRODUÇÃO

Cientes de que a psicologia, enquanto ciência e profissão, é um campo de vasta atuação, em contrapartida, sabemos que o trabalho clínico do psicólogo é orientado por um conjunto de técnicas e práticas profissionais que se desdobram na individualidade do atendimento e nas relações transferenciais estabelecidas no *setting* terapêutico (Tozo & Triginelli, 2019). Nesse contexto, a partir da dinâmica de atendimento clínico, surgem as clínicas-escola de Psicologia. Esses são espaços institucionais que contribuem para a formação profissional e ética do acadêmico.

Assim, as práticas de estágio básico em Processos Clínicos foram desenvolvidas no Serviço-escola de Psicologia da UNIFIP Campina Grande (SEP), que oferta serviços internos e externos em caráter de escuta, acompanhamento e avaliação psicológica. Nesse serviço, os clientes são selecionados através de link de inscrição, disponibilizado nas redes sociais da UNIFIP Campina Grande, podendo também ser por meio da livre demanda ou encaminhamentos. Diante disso, a instituição prioriza as demandas categorizadas como urgentes, realizando, inicialmente, um primeiro contato via telefone para marcar o procedimento de triagem. Esse momento se desenvolve a partir de uma entrevista estruturada, que é chamada anamnese, e serve para contornar a demanda do paciente. Posteriormente, a ficha de anamnese é encaminhada para uma lista de espera até o início do acompanhamento psicológico.

Dessa forma, a prática de estágio no SEP se torna importante para a formação em Psicologia, oportunizando para os estagiários um espaço de ensino, observação e intervenção no contexto das práticas clínicas, para uma formação com compromisso ético e político.

O SURGIMENTO DA CLÍNICA PSICOLÓGICA

De acordo com Moreira, Romagnoli e Neves (2007), a clínica é um termo que nasce no campo da medicina, em que os médicos iam até os leitos onde estavam os doentes para entrevistá-los e, através da observação, o médico prescreveria os sintomas físicos para diagnosticar e, por fim, realizar o tratamento. Ainda segundo os autores, a observação clínica e a anamnese é fruto da prática clínica de Hipócrates, compondo a base do exame médico. Posteriormente, a Medicina se expandiu com as descobertas no campo da Biologia e as invenções para instrumentalização médica, entre o final do século XVIII e início do século XIX.

Nesse contexto, com os deslocamentos dos saberes, a clínica psicanalítica de Freud vai propor a lógica de que o saber não está com o médico, mas com o paciente. Isto é, “o analista é um mero facilitador, já que, na condução do tratamento, ele apenas aponta o caminho, e o paciente não apenas ouve, como se fosse uma prescrição médica” (Moreira, Romagnoli & Neves, 2007, p. 612). Assim, a clínica psicológica surge atrelada a clínica médica, mas por meio de Freud, foi elaborado o conceito de sujeito psicológico, que deixa de ser objeto do diagnóstico e da prescrição médica, para ser sujeito de sua história (Dimenstein, 2000).

Isto é, segundo Moreira et al. (2007), o desenvolvimento da psicanálise ofertou ao fazer psicológico um deslocamento de sua prática, que não mais estaria apontada para o olhar (sobre o fenômeno, sobre uma patologia perceptível), mas, sim, para a escuta (das demandas do sujeito). Desse modo, verificamos que os conceitos associados à prática clínica do psicólogo estão apontados para a dimensão da escuta, do sofrimento e da subjetividade do encontro terapêutico, se diferenciando da prática médica, que, por sua vez, se direciona para o fechamento de diagnósticos e observação do tratamento.

Em outras palavras, no surgimento da clínica psicológica, as contribuições de Freud foram fundamentais, principalmente, para desenvolver o deslocamento da observação para o da escuta dos sofrimentos do sujeito. Ou seja, a psicologia surge como

um espaço de acolhida para o ser-sujeito-individual, oferecendo uma condição facilitadora para a organização e elaboração de sentidos subjetivos, que se manifestam em caráter de sintomas psicológicos (Moreira et al., 2007).

Entretanto, cabe apontar que a partir da psicanálise, novas abordagens e modelos de intervenções na clínica foram surgindo, ampliando cada vez mais os campos de atuação da Psicologia clínica, que começa a se expandir como ciência e profissão, com uma diversidade de técnicas e conhecimentos, para um sujeito psicológico que não é apenas sujeito da sua história, mas está dentro de um contexto, e precisa ser visto para além do individual, mas a partir de uma dimensão biopsicossocial.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Neste estágio, inicialmente, temos acesso às listas de inscrições desde o link disponibilizado até as listas de encaminhamentos e livres demandas. A partir dos contatos ofertados pelos inscritos, os estagiários vão ligando, verificando a disponibilidade, e passando as informações pertinentes para a primeira consulta, conhecida como triagem. Na triagem, o estagiário vai utilizar a anamnese infantil, adolescente ou adulto/idoso, conforme a faixa etária de cada cliente que chega ao serviço escola. Essa anamnese, enquanto entrevista estrutura, serve para coletar dados sobre as queixas apresentadas pelos clientes, para posteriormente, serem analisadas, e a partir das vagas que forem surgindo, possam ser chamados para acompanhamentos psicológicos. Assim, as práticas de estágio básico em Processos clínicos, se baseiam, neste início, na prática de convocar pacientes que tem interesse, para uma primeira consulta, e pode ser realizado também escutas e plantão psicológico, que são importantes, neste contexto, enquanto lugar de escuta qualificada, contribuindo para um espaço de acolhimento e bem-estar em situações de crise ou procura espontânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio em processos clínicos é o último estágio básico do curso de Psicologia, sendo, também, um dos mais aguardados pelos estudantes em formação, tendo em vista que a prática clínica ainda é uma das áreas mais almejadas da Psicologia, mesmo diante de seu extenso leque de possibilidades.

Durante a vivência deste componente curricular, foi possível perceber que adquirir experiência nesta área possibilitou o desenvolvimento de habilidades e potencialidades através do embricamento entre a teoria estudada em sala de aula e a

prática vivenciada, seguidas das supervisões com o professor responsável.

Além disso, o estágio proporcionou a compreensão da importância de uma escuta ativa, empática e ética, na qual o paciente ou cliente pode sentir-se seguro, acolhido e, ao mesmo tempo, desafiado a encarar os desconfortos implicados por enfrentar um processo psicoterapêutico com verdadeiro compromisso.

Nesse sentido, é possível afirmar que a experiência foi de grande valia para a formação dos alunos estagiários, considerando os desafios enfrentados ao adentrar no mercado de trabalho, momento em que é preciso possuir uma postura de preparo e segurança frente a prática que o profissional se propôs a exercer.

REFERÊNCIAS

Conselho Federal de Psicologia. (1992). Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil.

Dimenstein, M. (2000). A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia* (Natal), 5, 95-121.

Faleiros, E. A. (2004). Aprendendo a ser psicoterapeuta. *Psicologia: ciência e profissão*, 24, 14-27.

Mondardo, A. H., Piovesan, L., & Mantovani, P. C. (2009). A percepção do paciente quanto ao processo de mudança psicoterápica. *Aletheia*, (30), 158-171.

Moreira, J. D. O., Romagnoli, R. C., & Neves, E. D. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. *Psicologia: ciência e profissão*, 27, 608-621.

Moreira, N., & Holanda, A. (2010). Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-USF*, 15, 345-356.

Neto, V. B. L. (2013). A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 19(2), 220-229.

Oliveira, G. E., Faria, T. B., & Pereira, T. G. (2021). A psicologia na enfermagem psiquiátrica em hospital geral. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, Brasil - V. 41, nº100, p. 106.

- Rodrigues, E. D. S., Souza, N. B. (2021). A Ludoterapia no processo de hospitalização da criança. *Revista Científica Online ISSN 1980-6957 v13, n1*.
- Tozo, S. M. P. S., & Triginelli, M. F. M. (2019). Clínica-escola de psicologia: Espaço de formação acadêmica e ética [Psychology clinical school: Space of academic and ethical formation]. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 4*, p.78 - 92.
- Yoshida, E. M. P. (1998). Avaliação de mudança em processos terapêuticos. *Psicologia escolar e educacional*, 2, 115-127.

PRÁTICAS EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO CLÍNICO E HOSPITALAR

Hully Manguiera Rodrigues

Sabrina Freire Tavares

Thiago Silva Fernandes

INTRODUÇÃO

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (1992), o profissional da psicologia pode atuar de forma ampla a partir de suas especificidades. Na saúde, nas organizações, na educação, nos consultórios, na justiça, em todos os âmbitos, o psicólogo deve promover no seu trabalho, o respeito e a ética, evitando qualquer tipo de preconceito e distinções. A partir desse leque de atuação, o presente trabalho terá como foco duas áreas da Psicologia: a clínica e a saúde.

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência cujo objetivo é relatar as atividades realizadas na disciplina Estágio específico I, considerando, também, a abordagem psicoterapêutica da Logoterapia e Análise Existencial, aplicada durante os atendimentos clínicos. Tal componente curricular permitiu a compreensão da atuação do psicólogo no contexto da clínica e da saúde, bem como seus desafios e possibilidades, proporcionando a vivência do atendimento e da escuta, nos quais foi possível fazer a relação da teoria com a prática, ampliando os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

As vivências aconteceram no Serviço Escola de Psicologia (SEP) do Centro Integrado de Ensino Superior de Patos - UNIFIP e no Hospital Municipal Dr. Edgley, ambos os campos localizados na cidade de Campina Grande - PB.

O objetivo desta experiência foi fornecer escutas psicológicas para os pacientes inscritos no Serviço Escola de Psicologia da UNIFIP, visando tanto diminuir o sofrimento da comunidade que buscou acompanhamento, como também proporcionar capacitação e desenvolver habilidades ao estudante estagiário que em breve será inserido no mercado de trabalho. O mesmo pode ser considerando no segundo campo de atuação apresentado, que proporcionou momentos de acompanhamento e intervenções, promovendo uma melhor capacitação mediante do acolhimento ao público que faz uso dos serviços ofertados pelo Hospital Dr. Edgley.

DESENVOLVIMENTO

A psicoterapia consiste em uma técnica voltada para os cuidados da saúde mental. Essa competência deve ser exercida por um profissional da psicologia, habilitado para atuar na área. A psicoterapia tem o objetivo de auxiliar os sujeitos na compreensão a respeito das suas adversidades de modo a conseguirem enfrentar as suas dificuldades e desenvolver estratégias para administrar suas questões (Roudinesco & Plon, 1998, citado em Mondardo, Piovesan & Mantovani, 2009).

Ademais, a psicoterapia pode ser realizada na modalidade presencial ou online. Segundo Dewald (1989), citado em Mondardo, Piovesan e Mantovani (2009), o processo de psicoterapia pode ser individual, acontecer entre duas pessoas, ou seja, o terapeuta e o paciente e também pode acontecer de forma grupal, com mais pessoas.

Alguns fatores são indispensáveis para que o processo da psicoterapia ocorra de forma positiva: a aliança terapêutica estabelecida entre paciente e psicólogo, um olhar humanizado do profissional e a disposição do paciente para mudanças são aspectos essenciais durante o processo. (Messer & Warren, 1995 citado em Yoshida, 1998).

Na área da saúde, o psicólogo contribui com escutas ativas, a fim de promover um ambiente mais acolhedor e humanizado, buscando a compreensão do sujeito nos seus aspectos biopsicossociais e desenvolvendo atividades que objetivem a promoção da qualidade de vida (Oliveira, Faria & Pereira, 2021). Rodrigues e Souza (2021), ainda afirmam a importância do psicólogo no âmbito hospitalar, pois, a ligação de confiança, entre o paciente e o profissional torna o processo da hospitalização menos doloroso.

No que diz respeito a abordagem da Logoterapia, aplicada na prática clínica do Serviço- Escola, trata-se de uma abordagem psicoterápica teorizada por Viktor Emil Frankl, que possui cunho fenomenológico, existencial, humanista e é conhecida por sua busca pelo sentido da vida (Moreira & Holanda, 2010). Cabe destacar, que também pode ser utilizada em contexto hospitalar, sobretudo na busca do sentido perante o sofrimento do adoecimento.

Segundo Neto (2013), a Logoterapia é entendida como o método psicoterapêutico que busca a compreensão de cada sentido concreto experienciado, dirigir-se a uma análise da existência, buscando focar o ser humano em sua dimensão vivida, uma vez que o sentido, por essa ótica, só pode ser atingido de modo vivencial.

Apresentado tais conceitos, cabe destacar a metodologia utilizada, enfatizando primeiramente que o Estágio específico I foi dividido nos dois campos já apresentados acima, sendo duas horas semanais dedicadas ao Hospital Dr Edgley e quatro horas

semanais dedicadas ao serviço escola UNIFIP, somando o total de 28h no contexto hospitalar e 72h no SEP UNIFIP.

Sendo assim, os procedimentos adotados ao chegar no hospital todas as quintas-feiras, consistiram em: reunião para discussão de casos que chegam para internação ou que recebem alta; leitura de prontuários; visitas aos leitos a fim de realizar escutas em caso de algum paciente demandar, e, por fim, realizar escutas que chegam na emergência psiquiátrica, sendo ou não caso de internação. Nesse sentido, cabe destacar que tais escutas são pontuais e não se trata de um acompanhamento psicoterápico, em caso de necessidade, faz-se um encaminhamento para que possa ser realizado em outro local, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

Quanto ao SEP-UNIFIP, os procedimentos consistiram em acompanhamentos ou escutas emergenciais, com duração de até cinquenta minutos, respaldados pela base teórica da Logoterapia. Logo após os atendimentos são registrados por escrito, sínteses do atendimento que serão lidas posteriormente pelo professor supervisor do estágio. Por fim, semanalmente, são realizados os momentos de supervisão em que o estagiário pode discutir os casos dos pacientes com o supervisor responsável.

CONCLUSÃO

A clínica é uma das áreas de atuação mais almejadas pelos estudantes de psicologia, embora também seja a mais temida no início da prática. Ao mesmo tempo que se sente uma alegria por estar vivenciando a atuação nesse campo, também vem os sentimentos de insegurança, angústia e até um certo medo da demanda que irá entrar na sala para o atendimento.

Os momentos vividos nos dois campos de estágio, buscaram estar atrelados com a teoria e a supervisão, que juntos formam um tripé que sustentam uma prática psicológica ética e auxiliam o profissional a minimizar o sofrimento do outro.

O estágio nos permitiu experimentar a prática do psicólogo nos âmbitos da clínica e da saúde, possibilitando a compreensão da subjetividade de cada um, como também as suas dores e anseios, revelando a importância e existente no ato de ouvir e acolher as histórias apresentadas por cada paciente.

Como disse Ribeiro (1986), citado em Faleiros (2004, p.2), ao definir psicoterapeuta o autor atribui o seguinte significado: “Ser psicoterapeuta é algo de profundo, de misterioso, de sagrado. Ajudar alguém a se ver, a se conhecer, a tomar posse de si é algo que sem uma profunda humildade dificilmente poderá acontecer.”

Dessa forma, é possível concluir que a experiência contribuiu para o desenvolvimento deste fazer que enfrenta inúmeros desafios, mas que se mostra gratificante a cada possibilidade concreta de fazer a diferença perante vidas que estão em sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

- Conselho Federal de Psicologia. (1992). Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil.
- Faleiros, E. A. (2004). Aprendendo a ser psicoterapeuta. *Psicologia: ciência e profissão*, 24, 14-27.
- Mondardo, A. H., Piovesan, L., & Mantovani, P. C. (2009). A percepção do paciente quanto ao processo de mudança psicoterápica. *Aletheia*, (30), 158-171.
- Moreira, N., & Holanda, A. (2010). Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-USF*, 15, 345-356.
- Neto, V. B. L. (2013). A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 19(2), 220-229.
- Oliveira, G. E., Faria, T. B., & Pereira, T. G. (2021). A psicologia na enfermagem psiquiátrica em hospital geral. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, Brasil - V. 41, nº100, p. 106.
- Rodrigues, E. D. S., Souza, N. B. (2021). A Ludoterapia no processo de hospitalização da criança. *Revista Científica Online ISSN 1980-6957 v13, n1*.
- Yoshida, E. M. P. (1998). Avaliação de mudança em processos terapêuticos. *Psicologia escolar e educacional*, 2, 115-127.